



Física Experimental I

2019/02

Conteúdo

I Experimentos – Roteiros	9
1 Medida do tempo de queda de uma esfera	
Tratamento estatístico dos dados	11
1.1 Introdução	11
1.2 Procedimento Experimental	12
1.3 Análise de Dados e Discussão dos Resultados	12
2 Medida do volume de um cilindro	
Propagação de incerteza	15
2.1 Introdução	16
2.2 Procedimento experimental	16
2.3 Análise de dados	16
2.4 Discussão dos Resultados	17
3 Movimento de um corpo em um plano inclinado	
Determinação da aceleração da gravidade	19
3.1 Introdução	19
3.2 Procedimento experimental	20
3.3 Análise de dados	21

3.3.1	Discussão dos Resultados	23
4	Sistema de partículas – Colisão elástica e inelástica	25
4.1	Introdução	25
4.2	Procedimento Experimental e Levantamento de Dados	26
4.3	Análise de dados e discussão dos resultados	26
5	Movimento de um corpo rígido em um plano inclinado	29
5.1	Introdução	29
5.2	Procedimento experimental e levantamento de dados	31
5.3	Análise de dados e discussão dos resultados	32
II	Conceitos Básicos para Análise de Dados	33
1	Medidas e incertezas	35
2	Medidas Diretas e Indiretas	39
3	Algarismos Significativos	43
3.1	Incertezas e algarismos significativos	44
3.2	Regra de bolso sobre algarismos significativos	46
4	Representações gráficas	49
4.1	Como fazer um histograma	49
4.2	Como realizar um gráfico	51
5	Ajuste linear	55
5.1	Ajuste de uma função linear por Mínimos Quadrados	55
5.2	Método gráfico para ajustar uma reta com incerteza	57
6	Determinação da velocidade instantânea	59
7	Distribuição Gaussiana	61

III Exercícios	65
1 Algarismos significativos	67
2 Propagação incerteza	69
IV Apêndices	71
A Caderno de laboratório	73
B Como escrever um relatório?	75
C Paquímetro	77
D Trilho de Ar	79
E Sistema de Video	81
F Programa QtiPlot	89

Introdução

Essa apostila consiste dos roteiros dos experimentos realizados no curso de Física Experimental I e de conceitos básicos relacionados com as análises de dados desses experimentos, bem como com os métodos e instrumentos utilizados.

Experimentos

A longo do semestre realizaremos os seguintes experimentos:

INTRO – Introdução ao conceito de medidas – Medições diretas e indiretas

EXP 1 – Medida do tempo de queda de uma esfera – Tratamento estatístico dos dados

EXP 2 – Medida do volume de um cilindro – Propagação de incerteza

EXP 3 – Movimento de um corpo em um plano inclinado – Aceleração da gravidade

EXP 4 – Sistema de partículas – Colisão elástica e inelástica

EXP 5 – Movimento de um corpo rígido em um plano inclinado

Bibliografia

O material completo da disciplina compreende essa apostila, o **Guia do Estudante** e os textos complementares, todos disponíveis no site

<https://fisexp1.if.ufrj.br>. Além disso, indicamos os livros abaixo para um estudo mais sólido dos conceitos básicos de análise de dados e da física dos fenômenos observados.

Fundamentos da Teoria de Erros – José Henrique Vuolo – Editora Edgar Blücher Ltda.

Curso de Física Básica 1 – Mecânica, H. Moysés Nussenzveig – Ed. Edgard Blücher Ltda.

Física I – Mecânica, Sears & Zemansky / Young & Freedman – 12a. Edição, Pearson.

PARTE I

EXPERIMENTOS – ROTEIROS

1

Medida do tempo de queda de uma esfera Tratamento estatístico dos dados

Neste experimento determinaremos o tempo de queda de uma esfera de cerca de 2 cm de diâmetro, solta do repouso de uma altura de 1.5 m repetidas vezes. Cada grupo deve apresentar 2 conjuntos de medidas independentes, um com 120 e outro com 60 medidas, obtidos por integrantes diferentes. A partir destas medições vamos estudar os conceitos de flutuações aleatórias, tratamento estatístico dos dados e estudo de efeitos sistemáticos.

Planejem seu experimento e começem a fazer as anotações nos seus cadernos de laboratório. Para todos os experimentos que faremos nesse curso, cada um de vocês deve elaborar um pequeno texto no caderno para os seguintes tópicos:

- 1. Introdução**
- 2. Procedimento Experimental**
- 3. Análise de Dados**
- 4. Discussão dos Resultados**

Eventualmente, esses tópicos poderiam ser organizados em um relatório (veja o Apêndice B da apostila de conceitos básicos). Ainda não exigiremos a elaboração de um relatório completo para esse experimento, mas, para cada um desses itens, preparamos algumas perguntas para vocês pensarem, discutirem entre si e com seu professor. A partir dessa discussão, façam suas anotações.

1.1 Introdução

1. Qual o objetivo e a motivação desse experimento ?
2. De acordo com as leis da Física que você conhece, qual deveria ser o tempo de queda da esfera ?

1.2 Procedimento Experimental

1. Vocês podem medir o tempo diretamente ? Que instrumento vão utilizar ? Qual a **resolução** desse instrumento ?
2. Qual a melhor forma de montar o seu experimento, de tal forma a tentar garantir que a altura de queda esteja sempre no intervalo (1.50 ± 0.02) m e que a esfera caia sempre do repouso ?
3. Dado o grande número de medidas que devem ser realizadas, como vocês pretendem registrá-las ? Será que vocês podem se organizar de forma a que um estudante realize a medida e o outro a registre ? Seu instrumento de medida tem características que permitem agilizar o registro ? Sugerimos que cada integrante registre seus dados na forma de uma tabela, em ordem cronológica, como mostrado nas duas primeiras colunas da Tabela 1.1. Vocês podem também construir a tabela diretamente em um programa de planilha no computador, e posteriormente imprimir para colar nos cadernos.

1.3 Análise de Dados e Discussão dos Resultados

Vocês certamente encontraram mais de um valor como resultado da medida direta do tempo de queda. Com base nesses valores, como podem apresentar o resultado dessa medição ? Conforme explicado no Capítulo 2 da apostila de Conceitos Básicos, a melhor forma de apresentar essa medida experimental é realizando uma análise estatística dos dados obtidos. Para entender melhor o significado dessa análise, propomos as seguintes atividades:

Parte I: Análise estatística dos dados

1. Considerem o conjunto de 120 medidas. Para 6 conjuntos independentes de 10 medições consecutivas do mesmo integrante, calculem o valor médio, desvio padrão e a incerteza do valor médio (Capítulo 2 da parte Conceitos Básicos). Utilize as últimas colunas da Tabela 1.1 para auxiliar nos cálculos.
2. Resumam os resultados obtidos para os 6 subconjuntos dos dados colocando-os na Tabela 1.2 e observem como variam o valor médio e o desvio padrão. O que podem dizer sobre os valores encontrados? Para o experimento que estão fazendo, 10 medidas é uma quantidade suficiente para se determinar o tempo de queda ? Justifiquem suas respostas.
3. Calculem o valor médio, desvio padrão e a incerteza do valor médio para: (a) as 20 últimas medidas, (b) as 60 primeiras medidas e (c) para o conjunto completo de 120 medidas. Coloquem esses valores na Tabela 1.3 e discutam como variam estas três grandezas com respeito ao número de medidas. Analisem se as 120 medidas foram suficientes para determinar o tempo de queda.

Tabela 1.1: Medições realizadas pelo primeiro integrante.

	i	t_i	$\delta_i = t_i - \bar{t}$	$\delta_i^2 = (t_i - \bar{t})^2$
	1			
	2			
	3			
	...			
	120			
Somas				

Tabela 1.2: Valor médio, desvio padrão e incerteza para subgrupos de 10 medições independentes.

Medições	N	Valor Médio ()	Desvio Padrão ()	Incerteza ()
Grupo 1	10			
Grupo 2	10			
Grupo 3	10			
Grupo 4	10			
Grupo 5	10			
Grupo 6	10			

Tabela 1.3: Valor médio, desvio padrão e incerteza para subgrupos de 10 medições independentes.

N	Valor Médio ()	Desvio Padrão ()	Incerteza ()
20			
60			
120			

4. Analisem como se compara o valor médio encontrado com o valor de referência, igual a $t_g = (0.554 \pm 0.004)$ s. Caso existam efeitos sistemáticos, discutam sobre eles e como poderiam evitá-los refazendo as medições.
5. Por convenção, utilizamos como definição para a incerteza de cada medida realizada, o valor de σ . Discutam o resultado da comparação entre o valor de σ encontrado para o conjunto de 120 medições com a precisão do cronômetro utilizado.
6. Calcule para o conjunto de 120 medições a fração de medidas contidas nos intervalos $[\bar{t} - 1\sigma, \bar{t} + 1\sigma]$, $[\bar{t} - 2\sigma, \bar{t} + 2\sigma]$, $[\bar{t} - 3\sigma, \bar{t} + 3\sigma]$. Em um procedimento sujeito somente a flutuações aleatórias, as frações esperadas para estes intervalos são aproximadamente 68.3%, 95.4% e 99.7%. Note então que a convenção mais adotada, de utilizar como incerteza o valor do desvio padrão, corresponde a adotar um intervalo de incerteza que conteria aproximadamente 68% dos valores obtidos, caso o processo de medida fosse repetido muitas vezes. Quando não conhecemos bem nosso processo de medida, a realização de uma análise estatística permite também a melhor determinação da incerteza das medidas individuais.¹

Parte II: Representação gráfica dos conjuntos de medidas

10. Com base na Seção 3.1 da parte Conceitos Básicos, construam histogramas de frequência relativa para os dados de cada integrantes em uma mesma folha de papel milimetrado. Distinguam um histograma do outro usando traços de cores distintas para desenhar as barras. Lembrem que o número adequado de barras depende do conjunto de dados e do número total de medições. Neste caso particular, o número aconselhável de barras fica entre 6 e 10. Discutam entre si e com o professor a melhor escolha de intervalos.
11. Marquem no gráfico, para cada um dos histogramas, as posições dos valores médios encontrados para cada um dos conjuntos de dados. As medições de cada conjunto se distribuem simetricamente ao redor do seu valor médio ?
12. Desenhem sobre os histogramas um segmento de reta representando o intervalo $[\bar{t} - \sigma, \bar{t} + \sigma]$. Observem a concentração dos dados nesse intervalo.
13. Analisem os dois histogramas, seus valores médios e desvios padrão. O que é possível concluir sobre os processos de medida empregados pelos dois integrantes ? Discutam em termos de desvios sistemáticos e flutuações aleatórias.

Opcional

Realize novamente as suas medidas tendo em conta os cuidados discutidos para eliminar suas incertezas sistemáticas. Para este conjunto de 120 medições, calcule o valor médio, o desvio padrão e a incerteza do valor médio e compare com o valor de referência. Conseguiu eliminar as incertezas sistemáticas? Discuta.

¹Essas frações decorrem de um modelo matemático que descreve o comportamento de medidas somente sujeitas a flutuações aleatórias. Esse modelo será discutido na Física Experimental II, mas quem quiser se aprofundar pode olhar o Capítulo 6 da apostila de Conceitos Básicos.

2

Medida do volume de um cilindro Propagação de incerteza

Neste experimento determinaremos o volume de um cilindro de alumínio. Planeje o experimento. Pense em que métodos poderiam ser utilizados para se medir um volume, em quais medidas deveriam ser realizadas para esses métodos e quais instrumentos seriam mais adequados para isso.

O volume pode ser determinado a partir das dimensões do cilindro. Qual a expressão matemática do volume a partir dessas dimensões?

Se você conhece a massa e a densidade volumétrica de massa do material do qual é feito o cilindro, como você pode determinar o seu volume ?

Se você tem um recipiente com um volume de água conhecido, como pode determinar o volume do cilindro ?

Como se estima as incertezas das medidas indiretas ? Veja a seção 2 do Capítulo de conceitos básicos da apostila.

Medindo a partir desses diferentes métodos, o que se espera da comparação dos seus resultados?

Abaixo sugerimos um roteiro para realização do experimento e elaboração do relatório. O experimento será discutido e guiado pelo professor no laboratório. Para este experimento em particular, preparamos um modelo de relatório a ser preenchido, para que fique claro o que se espera de cada um dos tópicos que devem estar presentes em um relatório típico da nossa disciplina, conforme discutido no apêndice B da sua apostila de Física Experimental I.

2.1 Introdução

1. Qual é o objetivo desse experimento?
2. Descreva sucintamente os métodos utilizados nessas medidas, de acordo com o que você pensou na etapa de planejamento.
3. Quais hipóteses você supõe serem válidas para a utilização de cada um dos métodos?

2.2 Procedimento experimental

1. A partir do volume de água deslocado

Usando uma proveta graduada cheia de água, introduza o cilindro e estime o seu volume a partir do aumento da coluna de água.

2. A partir do seu raio e altura

Meça o diâmetro e a altura do cilindro. Para a medição do diâmetro utilize um paquímetro (Apêndice C). Discuta com seu professor sobre o uso adequado do paquímetro. Por que não é adequado utilizar a régua para a determinação do diâmetro do cilindro?

3. A partir da densidade volumétrica

Determine a massa do cilindro utilizando uma balança. Lembre de verificar se a balança está zerada antes da sua utilização (o zero da balança corresponde ao prato vazio). Peça ajuda a seu professor se for necessário.

2.3 Análise de dados

1. A partir dos valores do diâmetro e comprimento do cilindro, calcule o volume com a sua incerteza utilizando a fórmula $V = \pi r^2 h$ (r = raio e h = comprimento).
2. Sabendo que a densidade volumétrica do alumínio industrial é $2,56 \text{ g/cm}^3$, com 0,5% de incerteza, e utilizando a medida de massa realizada, determine o seu volume e incerteza.
3. Organize em uma tabela os resultados obtidos para a determinação do volume do cilindro com as respectivas incertezas para os três métodos realizados. Faça uma comparação entre os resultados obtidos (Seção I.2 da parte de Conceitos Básicos).

2.4 Discussão dos Resultados

1. Os resultados encontrados são compatíveis? Justifique.
2. Qual foi a medição mais precisa? Justifique.
3. Considerando a medição com a proveta como a de referência (por quê?) qual foi a medição mais acurada? Justifique.
4. Quais parâmetros contribuem mais fortemente para a incerteza do volume em cada um dos três métodos? Como essas incertezas poderiam ser diminuídas? Você sugere alguma modificação do procedimento experimental adotado?

Medida do volume de um cilindro
Propagação de incerteza

3

Movimento de um corpo em um plano inclinado Determinação da aceleração da gravidade

Neste experimento determinaremos a aceleração da gravidade (g). O resultado obtido será comparado com o valor de referência para a cidade do Rio de Janeiro.

Vamos realizar a medida a partir do estudo do movimento de um carrinho em um plano inclinado com atrito desprezível, utilizando um sistema de vídeo (gravação de um filme com uma câmera digital) e o programa ImageJ para levantamento de dados. Por que o plano precisa ser inclinado?

Pense sobre o planejamento desse experimento. A aceleração da gravidade pode ser obtida diretamente? Quais grandezas devem ser medidas para que seja possível obtê-la? Quais instrumentos são mais adequados para que esses dados possam ser coletados?

O experimento será discutido e guiado pelo professor no laboratório, com base no roteiro sugerido abaixo. Siga o roteiro e as orientações do professor e vá fazendo suas anotações no caderno de laboratório. Não será disponibilizado um modelo de relatório a ser preenchido. Você terá que prepará-lo baseando-se no modelo de relatório utilizado no experimento 2, no apêndice B da apostila de conceitos básicos e nas anotações realizadas durante o experimento.

3.1 Introdução

1. Qual é o objetivo desse experimento?
2. Basta uma inclinação para medir a aceleração da gravidade? Como poderíamos melhorar a precisão da medida?
3. Que tipo de movimento esse corpo realiza sobre o plano?
4. Qual é a forma esperada do gráfico de posição do corpo em função do tempo?
5. Qual é a forma esperada do gráfico da sua velocidade em função do tempo?

6. Qual é a forma esperada do gráfico da sua aceleração em função do tempo?
7. Como pode ser medida a aceleração do corpo no plano inclinado?

3.2 Procedimento experimental

Antes de começar o experimento, verifique se o trilho de ar funciona corretamente. No apêndice D da apostila de conceitos básicos são apresentados o trilho de ar e algumas instruções de como utilizá-lo. Não mexa nos parafusos de nivelamento do trilho sozinho.

A câmera digital deve ser configurada de acordo com o apêndice E da apostila. Coloque adequadamente o tripé com a câmera de forma que todo o trilho esteja compreendido no campo de visão e certifique-se que a câmera esteja alinhada com a horizontal.

Para evitar que cada grupo tenha que fazer medidas para muitas inclinações diferentes a fim de determinar g , os dados obtidos por diferentes grupos serão analisados como um único conjunto de dados e discutidos com a turma. O número de inclinações realizadas por cada grupo será determinado pelo seu professor e corresponderá ao uso de um certo número de blocos de madeira, que deverá ser colocado embaixo da haste de suporte do trilho que fica em uma das suas extremidades, conforme mostrado na Figura 3.1. Não devem ser usados mais que 13 blocos para evitar que o carrinho adquira uma velocidade muito alta e o impacto ao final do trilho seja muito forte.

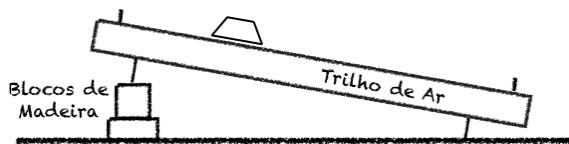


Figura 3.1: Desenho experimental.

1. O valor do $\sin(\theta)$ pode ser obtido indiretamente a partir da relação trigonométrica de grandezas que podem ser medidas diretamente no trilho de ar. Utilize a Tabela 3.1 para organizar as medidas diretas realizadas para cada uma das inclinações e o valor de $\sin(\theta)$ encontrado.
2. Antes de colocar o carrinho no trilho, pense em como manter o carrinho em repouso antes do início da experiência e como pará-lo depois do movimento de modo a preservar o equipamento. Descreva o procedimento escolhido no seu caderno de laboratório. Simule a filmagem do movimento de acordo com o esse procedimento.
3. Faça um filme do movimento do carrinho para apenas um percurso sobre o trilho, ou seja, pare de filmar um pouco antes do carrinho colidir com a extremidade do trilho. Isso evita um tempo extra para processamento do filme pelo programa ImageJ.
4. A análise do filme permite a obtenção das outras medidas diretas necessárias à determinação da aceleração da gravidade. Quais são elas? Em que unidades elas são

medidas? Como pode organizar essa informação? Para cada uma das inclinações, utilize uma planilha como a mostrada na Tabela 3.2.

5. A análise do filme é realizada utilizando o programa ImageJ. Este programa de análise de imagens é gratuito e pode ser usado nos sistemas operacionais do Windows, Mac e Linux. Para baixá-lo e instalar em seu computador basta acessar o link <https://imagej.nih.gov/ij/download.html>. Um pequeno tutorial sobre o programa ImageJ é apresentado no Apêndice E.
6. Como o trilho de ar está inclinado durante esse experimento, antes de começar com a leitura dos dados, realize a rotação do filme conforme explicado no Apêndice E da apostila. Utilize o método de rotação manual. Por que não podemos utilizar o valor do ângulo a partir do $\sin(\theta)$ medido no procedimento experimental? Por que é preciso rotacionar o vídeo?
7. Meça a posição p em pixels de um ponto de referência no carrinho para diversos instantes de tempo ao longo do percurso (diversos quadros do vídeo). Estime a incerteza δp para estas medidas e anote a justificativa para esta estimativa. Vale a pena coletar dados de pontos consecutivos ou eles devem ficar espalhados ao longo do trilho de ar? O tempo entre dois quadros consecutivos é $t = 1/n$, onde n é o número de quadros por segundo. Para que servem estas medidas? Pense nos intervalos entre os instantes de tempo que devem ser medidos. Eles devem ser regulares? O número de posições medidas N deve ser maior que 12.

Tabela 3.1: Medidas de $\sin(\theta)$.

Inclinação	h_1	h_2	L	$\sin(\theta)$
1				
2				

3.3 Análise de dados

1. Determine a constante de calibração que permite transformar as medidas em pixels p para medidas x em cm a partir de uma distância conhecida (distância de referência em cm) na imagem. Pense qual é o objeto mais adequado na imagem para ser utilizado como referência. O trilho de ar? O carrinho? Justifique a sua resposta e anote todas as medidas diretas realizadas para determinação da constante de calibração.
2. Complete a Tabela 3.2 com as medidas indiretas realizadas: posição x e velocidade instantânea v (Seção 5 do Capítulo de conceitos básicos).
3. A partir dos dados registrados com a maior inclinação do trilho, faça um gráfico da posição do carrinho em função do tempo.

4. Faça um gráfico de velocidade em função do tempo para cada inclinação escolhida e determine a aceleração do carrinho através do método gráfico e do método dos mínimos quadrados (utilizando o programa QtiPlot, Apêndice F).

Método gráfico: Trace manualmente a melhor reta que ajuste seus dados. Qual deve ser o critério a ser utilizado para determinar essa reta? A partir da reta, calcule a aceleração do carrinho através da determinação do coeficiente angular. Considere uma incerteza relativa de 6%.

Método de Mínimos Quadrados: Determine a aceleração do carrinho realizando um ajuste linear (Capítulo 4 da apostila de conceitos básicos) com o programa QtiPlot.

5. Crie uma tabela com os valores das acelerações obtidas para os diferentes valores de $\sin(\theta)$, incluindo os valores obtidos pelo seu grupo e pelo restante da turma.
 6. Utilizando as informações obtidas da aceleração do carrinho e a inclinação do trilho de todos os grupos, realize um gráfico da aceleração em função de $\sin(\theta)$ ou vice-versa, dependendo de qual é a variável que tenha menor incerteza relativa.
 7. Determine o valor da aceleração da gravidade realizando um ajuste linear.

Tabela 3.2: Medidas de posição e velocidade em função do tempo.

3.3.1 Discussão dos Resultados

1. Discuta, a partir dos gráficos realizados, o tipo de movimento observado para o carrinho. Esse movimento era esperado?
2. Compare os resultados obtidos para a aceleração do carrinho na direção do movimento para os métodos gráficos (ajuste visual) e de mínimos quadrados. Discuta.
3. O gráfico de aceleração em função do $\sin(\theta)$ (ou vice-versa) tem o comportamento esperado? As incertezas obtidas pelos diferentes grupos são semelhantes? Você identifica possíveis influências de erros sistemáticos que tenham sido cometidos ao longo do experimento?
4. Compare o valor da aceleração da gravidade obtido com o valor encontrado na literatura para a cidade do Rio de Janeiro que é $g = (978,7 \pm 0,1) \text{ cm/s}^2$. Qual valor é mais preciso? Você utilizaria este método para determinar o valor da gravidade? Justifique.

Opcional: Estudo da conservação da energia

1. Utilizando os dados registrados com a maior inclinação do trilho, determine a altura h do carrinho para cada instante de tempo.
2. Determine a energia cinética (K), energia potencial (U) e a energia mecânica (E) para cada intervalo de tempo. Para facilitar a organização das informações, construa uma tabela.
3. Faça um gráfico que contenha a energia cinética, potencial e mecânica em função do tempo.
4. Discuta a partir do gráfico obtido, se há ou não conservação da energia mecânica. Justificar.
5. No caso da energia não se conservar, determine o ganho ou perda percentual.

Observações:

- Para os cálculos de energia considere a aceleração da gravidade no Rio de Janeiro, sendo $g = (978,7 \pm 0,1) \text{ cm/s}^2$.
- Não esqueça de colocar todos os cálculos de propagação de incerteza num Apêndice.

Movimento de um corpo em um plano inclinado
Determinação da aceleração da gravidade

4

Sistema de partículas – Colisão elástica e inelástica

Neste experimento estudaremos as colisões elástica e inelástica. Analisaremos as conservações de momento linear e energia mecânica de um sistema unidimensional de dois carrinhos que colidem entre si em um trilho de ar com atrito desprezível. Será utilizado um sistema de vídeo (gravação de um filme com uma câmera digital) e o programa ImageJ para levantamento de dados.

Pense sobre o planejamento desse experimento. Quais grandezas devem ser medidas diretamente para que seja possível avaliar as conservações de momento linear e energia mecânica?

Siga o roteiro e as orientações do professor para fazer o experimento em sala de aula. Faça anotações no seu caderno de laboratório. Para preparar o relatório, tome como base as orientações do apêndice B da apostila de conceitos básicos e as anotações realizadas durante o experimento, de acordo com as discussões levantadas em sala a partir do roteiro abaixo.

4.1 Introdução

1. Qual é o objetivo desse experimento?
2. O que é um processo de colisão ?
3. Que tipo de movimento cada carrinho realiza sobre o plano antes e após a colisão ?
4. Para dois carrinhos colidindo entre si em um trilho de ar horizontal com atrito desprezível, espera-se que tanto o momento linear como a energia mecânica se conservem nas colisões elástica e inelástica ? Desenvolva as expressões para conservação de momento linear e energia mecânica deste sistema unidimensional para os dois tipos de colisão, em termos das grandezas medidas no experimento.
5. Como é definida a posição do centro de massa do sistema estudo no experimento?

6. Nesse experimento, espera-se que o momento linear do centro de massa do sistema seja conservado ?
7. Como verificar experimentalmente se o momento linear do centro de massa do sistema é conservado ?

4.2 Procedimento Experimental e Levantamento de Dados

Antes de começar o experimento, verifique se o trilho de ar funciona corretamente. Não mexa nos parafusos de nivelamento do trilho sozinho. A câmera digital deve ser configurada de acordo com o apêndice E da apostila. Coloque adequadamente o tripé com a câmera de forma que todo o trilho esteja compreendido no campo de visão e certifique-se que a câmera esteja alinhada com a horizontal.

O experimento é dividido em duas partes:

Parte I: Estudo qualitativo da colisão elástica com massas iguais.

Nesta etapa a colisão é estudada apenas qualitativamente por todos os grupos. Pense como garantir que as massas dos dois carrinhos sejam compatíveis. A turma faz o experimento e os alunos descrevem o que observam. Justifique se o comportamento observado está de acordo com o esperado teoricamente para este tipo de colisão.

Parte II: Estudo quantitativo de colisões de carrinhos com massas diferentes.

A Parte II contempla a colisão elástica e a colisão perfeitamente inelástica de carrinhos com massas diferentes. Neste caso, o professor indicará qual colisão deverá ser estudada quantitativamente por cada grupo.

1. As massas devem ser escolhidas de forma que a massa do carrinho mais pesado seja 100 g superior à do mais leve.
2. Determine a massa dos carrinhos com todos os acessórios necessários para a realização da colisão.
3. Decida qual carrinho estará em movimento e estabeleça um procedimento para impulsioná-lo ao encontro do carrinho em repouso.
4. Simule a experiência sem a tomada de dados.
5. Registre a colisão com o sistema de vídeo e construa uma tabela da posição de cada carrinho em função do tempo. Lembre-se de escolher um único sistema de referência para a determinação da posição em função do tempo.

4.3 Análise de dados e discussão dos resultados

1. O instante de colisão pode ser obtido diretamente a partir da tabela dos dados? Faça um gráfico da posição em função do tempo para os dois carrinhos e determine o instante em que eles colidem.

2. Determine as velocidades dos carrinhos antes e depois da colisão a partir do ajuste linear dos dados e analise as conservações de momento linear e energia mecânica. Estes resultados são compatíveis com o esperado para este tipo de colisão?
3. Calcule a porcentagem de perda (ou ganho) de energia cinética dada por:

$$\frac{|K_f - K_i|}{K_i}$$

onde K_i e K_f são a energia cinética inicial e final respectivamente. Discuta os resultados obtidos.

4. Analise se os seus resultados são compatíveis com o esperado. Caso exista um desacordo com o esperado, analise as possíveis causas do desacordo.
5. Calcule a posição do centro de massa em função do tempo (adicone as colunas correspondentes na tabela de posição dos carrinhos em função do tempo) e adicione estes pontos ao gráfico de posição em função do tempo já realizado. O momento linear se conserva?
6. O resultado obtido para a conservação (ou não) do momento linear observando-se o deslocamento do centro de massa do sistema está de acordo com o obtido analisando-se o movimento dos dois carrinhos separadamente?

5

Movimento de um corpo rígido em um plano inclinado

Neste experimento estudamos o movimento de um corpo rígido que se desloca por uma canaleta com dois trechos, um inclinado e outro horizontal. Ao atingir o final da canaleta, o corpo rígido realiza um movimento balístico até tocar o chão.

O corpo rígido utilizado nesse experimento é uma esfera de aço com diâmetro maior que a largura interna da canaleta. Avaliaremos o alcance da esfera ao tocar o chão em função da altura de lançamento da canaleta.

Analise a ilustração do experimento na Figura 5.1 e pense sobre o seu planejamento. O alcance do corpo rígido pode ser medido diretamente? Quais são as grandezas relevantes nesse estudo?

Os dados experimentais são comparados com dois modelos teóricos: Deslizamento sem Rolamento e Rolamento sem Deslizamento.

Siga o roteiro abaixo e as orientações do professor para fazer o experimento em sala de aula. Faça anotações no seu caderno de laboratório.

5.1 Introdução

1. Qual é o objetivo desse experimento?
2. Basta fazer um lançamento da esfera na canaleta para determinarmos o alcance desta ao tocar o chão? Como podemos melhorar a precisão da medida?
3. O movimento da esfera, conforme ilustrado na Fig. 5.1, pode ser estudado dividindo-o em duas etapas:
 - i Movimento da esfera pela canaleta;
 - ii Movimento balístico.

A primeira etapa do movimento da esfera pode ser descrita considerando-se dois modelos teóricos:

- **Modelo A:** Deslizamento sem Rolamento;
- **Modelo B:** Rolamento sem Deslizamento.

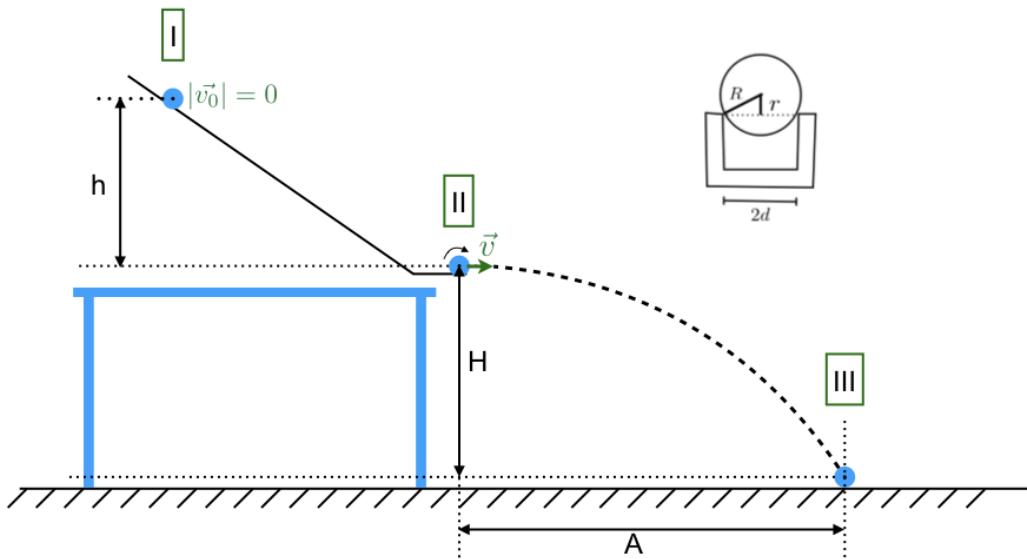


Figura 5.1: Esquema experimental.

4. Para cada modelo, mostre, usando conservação da energia, que a velocidade (v) da esfera antes de abandonar a canaleta é dada por:

- **Modelo A:**

$$v^2 = 2gh \quad (5.1)$$

- **Modelo B:**

$$v^2 = \frac{2gh}{1 + \frac{I_{CM}}{mr^2}} \quad (5.2)$$

Considere que o diâmetro da esfera de aço é maior que a largura interna da canaleta, conforme mostrado no esquema da Figura 5.1. Descreva claramente todas as grandezas envolvidas no experimento.

5. A partir da expressão para a velocidade da esfera v , obtida no item anterior, e utilizando as equações de movimento balístico, mostre que o alcance (A) da esfera é dado por:

- **Modelo A:**

$$A^2 = 4Hh, \quad (5.3)$$

- **Modelo B:**

$$A^2 = \frac{4H}{1 + \frac{I_{CM}}{mr^2}} h, \quad (5.4)$$

onde I_{CM} é o momento de inércia da esfera de massa m em relação ao eixo que passa pelo seu centro de massa e a distância r está ilustrada na Fig. 5.1. Considerando que a esfera de massa m e raio R é ideal, o momento de inércia em relação ao eixo que passa pelo centro de massa da mesma é dado por:

$$I_{CM} = \frac{2}{5}mR^2 \quad (5.5)$$

5.2 Procedimento experimental e levantamento de dados

1. Escolha uma esfera e meça as características da canaleta e da esfera que são relevantes para o experimento.
 2. Faça todas as medidas diretas relacionadas à determinação do alcance da esfera para os modelos teóricos A e B. Tome cuidado para adaptar a definição teórica das grandezas H e h à situação experimental do laboratório.
 3. Antes de começar o lançamento da esfera para determinação do alcance, pense em:
 - como determinar o alcance da esfera no chão?
 - como determinar no chão a projeção do ponto onde a esfera abandona a canaleta (ponto II na Figura 5.1)? Ajuda: utilize um fio de prumo.
 - quantos lançamentos deverão ser feitos da mesma altura h para a determinação do alcance e da sua incerteza?
 4. Abandone a esfera de uma altura (h) determinada e meça seu alcance (A). Anote seus resultados na Tabela 5.1, para 5 diferentes valores de h .
 5. Para esferas de diferentes tamanhos, estude qualitativamente como o alcance depende do raio da esfera.

Tabela 5.1: Medidas de alcance em função da altura.

5.3 Análise de dados e discussão dos resultados

1. Acrescente na Tabela 5.1 os valores de A^2 obtidos para os dois modelos teóricos (A_A^2 e A_B^2) e para os dados experimentais de A (A_{exp}^2), em função das alturas de lançamento da esfera na canaleta.
2. Faça o gráfico em papel milimetrado do $A^2 \times h$, para os dois modelos teóricos identificando claramente cada um deles, e para os dados experimentais correspondentes.
3. Como se comparam os dados experimentais com o previsto por cada modelo teórico? A partir desta análise, o que pode-se dizer sobre o movimento realizado pela esfera?
4. Discuta sobre a dependência do alcance com o raio da esfera e com a altura h .

Opcional

1. Considerando que a esfera realiza rolamento sem deslizamento, a partir da equação de alcance linearizada determine o momento de inércia da esfera em relação a um eixo que passa pelo seu centro de massa.
2. Compare o valor de momento de inércia obtido com o valor esperado considerando uma esfera ideal com distribuição de massa homogênea.

PARTE II

CONCEITOS BÁSICOS PARA ANÁLISE DE DADOS

1

Medidas e incertezas

Uma das maneiras para conhecer e descrever a natureza que nos rodeia é mediante a realização de observações experimentais, que chamamos de medidas. O primeiro problema com o qual nos encontramos é como os resultados encontrados podem ser comunicados de maneira clara, de forma que sejam compreensíveis e reproduutíveis por outros experimentadores. Para estabelecer o valor de uma grandeza (mensurando) temos que utilizar instrumentos e um método de medida, como também é necessário definir as unidades da medida. Por exemplo se desejamos medir a largura de uma mesa, o instrumento de medição será uma régua ou uma trena e, utilizando o sistema de unidades internacional (SI), a unidade que utilizaremos será o metro (m). A régua, portanto, estará calibrada nessa unidade ou em seus submúltiplos, como, por exemplo, centímetros e milímetros. O método de medição consistirá em determinar quantas vezes a unidade e as frações dela estão contidas no valor do mensurando.

Toda medição é afetada por uma incerteza que provém das limitações impostas pela precisão e exatidão dos instrumentos utilizados, da interação do método de medição com o mensurando, da definição do objeto a medir, e da influência do(s) observador(es) que realiza(m) a medição.

O que se procura em cada medição é conhecer o valor medido (x) e a sua incerteza (δ_x) na determinação do resultado, ou seja, determinar os limites probabilísticos destas incertezas. Procura-se estabelecer um intervalo

$$x - \delta_x < x < x + \delta_x \quad (1.1)$$

como ilustrado na Figura 1.1, dentro do qual podemos dizer que o valor da grandeza se encontra, com uma certa probabilidade. Em geral utiliza-se como incerteza um intervalo em torno do valor central com 68% de probabilidade.

Não existem regras para determinar o tamanho do intervalo, porque dependerá de muitos fatores do processo de medição. O tipo de medição, a figura da escala, a acuidade visual de quem esteja fazendo a medida, as condições de iluminação, etc, formarão parte na determinação da largura do intervalo de medição. A incerteza associada a uma medida

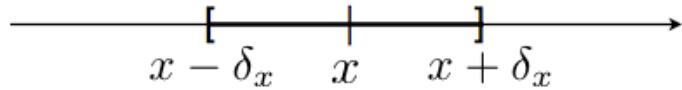


Figura 1.1: Intervalo de probabilidade para a grandeza medida, onde x é o valor mais representativo da nossa medição e δ_x é a incerteza absoluta.

deve ser determinada a cada vez que se faça a medição. Por exemplo, é comum pensar que quando fazemos uma medida com uma régua com escala graduada, a "incerteza de leitura (incerteza instrumental)" é automaticamente a metade da menor divisão. Um instrumento com divisões muito finas usado para medir um objeto com bordas mal definidas pode dar um intervalo de medição maior que várias das divisões menores. Contrariamente, um objeto bem definido com boas condições visuais pode permitir a identificação de um intervalo de medição muito menor que a menor divisão da escala. Cada situação deve ser avaliada de forma individual.

Uma forma usual de expressar o resultado de uma medição é:

$$x \pm \delta_x \quad (1.2)$$

e indicando a *unidade de medição*. Além disso é possível definir a *incerteza relativa* como:

$$\epsilon_x = \frac{\delta_x}{x} \quad (1.3)$$

que expressa o quanto significativa é a incerteza em relação ao valor medido. Também pode-se calcular a *incerteza relativa percentual* como:

$$\epsilon\% = \epsilon_x \cdot 100\% = \frac{\delta_x}{x} \cdot 100\% \quad (1.4)$$

Por exemplo, ao medir o comprimento L de uma mesa podemos apresentá-lo como $L=(1,00 \pm 0,01)$ m ou $L=1,00 \pm 0,01$ m, se encontramos um valor de 1,00 m, com uma incerteza de 1 cm em torno desse valor central encontrado. É importante apresentar sempre o valor central e a incerteza na mesma unidade. Essa medição tem uma incerteza relativa de 0,01 ($0,01/1,00$) e uma incerteza relativa percentual de 1%. A palavra **precisão** muitas vezes é utilizada como sinônimo de incerteza relativa percentual. Note, no entanto, que nem sempre a precisão de uma medida corresponde à precisão do instrumento utilizado para realizá-la. A precisão de um instrumento será discutida em contraposição ao conceito de acurácia mais abaixo.

Incertezas

Os distintos tipos de incertezas podem ser classificados em:

- **Incertezas do instrumento:** Os instrumentos de medição têm uma incerteza finita que está associada à variação mínima da magnitude que ele mesmo pode detectar. Por exemplo, se temos uma régua graduada em milímetros, não será possível detectar variações muito menores que uma fração de milímetro. Se, ao leremos o valor medido na régua, aproximamos para o valor inteiro em mm que mais se aproxima da medida, dizemos que a incerteza da régua é de 1 mm. Se, ao contrário, conseguimos identificar valores múltiplos de meio milímetro, então dizemos que a incerteza é de 0,5 mm. Não é, no entanto, razoável supor que conseguimos identificar a olho nú frações menores que 0,5 mm em uma régua milimetrada.
- **Incertezas estatísticas ou aleatórias:** São as devidas flutuações aleatórias na determinação do valor do mensurando entre uma medida e outra. Estas flutuações ocorrem com igual probabilidade tanto para mais quanto para menos. Portanto, medindo várias vezes e calculando a média, é possível reduzir a incerteza significativamente. Estas incertezas são tratadas pela teoria estatística de erros de medição.
- **Incertezas sistemáticas:** Acontecem pelas imperfeições dos instrumentos e métodos de medição e sempre se produzem no mesmo sentido (não podem ser eliminados com várias medições). Alguns exemplos podem ser um relógio que atrasa ou adianta, uma régua que se dilata, o erro devido à paralaxe, etc...

A interação do método de medição com o mensurando também pode introduzir erros. Consideremos como exemplo a medição de temperatura para a qual utilizamos um termômetro. Parte do calor do objeto que queremos medir flui ao termômetro (ou vice-versa), de maneira que o resultado da medição do valor da temperatura difere do original devido à presença do termômetro (interação que devemos realizar). Fica claro que esta interação pode ser desprezível, se, por exemplo, estamos medindo a temperatura de um litro de água, mas a quantidade de calor transferida ao termômetro pode ser significativa se a quantidade de volume é uma fração pequena de, por exemplo, um mililitro e utilizamos um termômetro convencional.

Precisão e exatidão

A precisão de um instrumento ou um método de medida está relacionada à sensibilidade ou menor variação de uma grandeza que pode ser detectada com certo instrumento ou método. Dizemos que um paquímetro (por exemplo, com mínima divisão de 0,01 mm) é mais preciso que uma régua (mínima divisão 1 mm) ou que um cronômetro (por exemplo com mínima divisão 10 ms) é mais preciso que um relógio (mínima divisão 1 s), etc. Quanto menor a **incerteza relativa** de uma medição, mais precisa ela é. É importante notar que o valor absoluto da incerteza isoladamente não é suficiente para qualificar a precisão

de uma medida. Por exemplo, reportar a distância entre Rio e São Paulo com incerteza de um metro certamente é muito bom. Por outro lado, medir o comprimento de um carro com incerteza de um metro é muito ruim. Qual a diferença? No primeiro caso, estamos falando de uma dúvida de um metro em cerca de 500 km e no segundo caso, a incerteza é de um metro em cerca de 4 metros.

Além da precisão, é importante realizar uma medição com exatidão ou, utilizando um termo mais antigo, acurácia. Esta está geralmente relacionada com a qualidade da calibração do instrumento utilizado ou o método de medição aplicado. Imaginemos que utilizamos um cronômetro para medir os tempos com uma precisão de 10 ms, mas sabemos que atrasa 1 minuto cada uma hora. Por outro lado, utilizamos um relógio com uma precisão de 1 s que marca a hora certa a todo instante. Neste caso vamos dizer que o cronômetro é o mais preciso, mas o relógio é o mais acurado. Um critério para se comparar a exatidão de duas medidas é dado pela menor discrepância relativa. A discrepância é definida como o módulo da diferença entre o valor medido e um valor de referência para a grandeza e a discrepância relativa é definida como o módulo da razão entre a discrepância e o valor de referência. Quanto menor a discrepância relativa de uma medida, mais exata ou acurada ela é.

Portanto, procuraremos sempre realizar uma medição utilizando um método que seja preciso e exato ao mesmo tempo.

2

Medidas Diretas e Indiretas

Para estabelecer o valor de uma grandeza temos que utilizar um instrumento de medição e um método de medição. Além disso, será necessário definir as unidades em que essa magnitude é medida. Por exemplo, se queremos medir a largura de uma mesa, utilizaremos uma régua e, dependendo do sistema de medição escolhido, expressaremos o valor medido em unidades de comprimento como, por exemplo, o metro (m) para o sistema de unidades internacional (SI) ou centímetros (cm) no caso do CGS. O método de medição consistirá em determinar a quantidade de unidades da menor fração da régua que correspondem ao comprimento que se deseja medir. Quando uma medição é realizada lendo o resultado diretamente em um instrumento (construído para isso), dizemos que a **medida é direta**. Há grandezas que não se medem diretamente, mas que são obtidas a partir de outras grandezas medidas de forma direta. Por exemplo, para conhecer a área de um retângulo medem-se os comprimentos de seus lados ou para determinar o volume de uma esfera deve-se medir o diâmetro. Neste caso a **medida é indireta**.

Medidas diretas com flutuações aleatórias

Consideremos uma grandeza da qual se fazem N medições diretas, que chamaremos: $x_1, x_2, x_3, \dots, x_N$. Estes valores serão geralmente distintos entre si, mas alguns valores podem se repetir.

Evidentemente não será satisfatório fornecer como resultado da medição uma tabela de N valores. É necessário caracterizar a série de medições mediante uns poucos parâmetros que tenham um significado preciso relacionado com a magnitude medida e/ou o processo de medição utilizado. Os parâmetros importantes são:

1. **Valor médio** é a média aritmética dos valores medidos

$$\bar{x} = \frac{1}{N} \sum_{i=1}^N x_i, \quad (2.1)$$

e é o valor atribuído à magnitude medida. É bastante intuitivo considerar a média aritmética como valor representativo da grandeza medida. A média aritmética se caracteriza por apresentar as medições ao seu redor, de modo que a soma dos desvios

$$\delta_i = x_i - \bar{x}, \quad (2.2)$$

é igual a zero. Ou seja,

$$S = \sum_{i=1}^N \delta_i = 0. \quad (2.3)$$

Isto pode ser facilmente demonstrado, escrevendo:

$$S = \sum_{i=1}^N \delta_i = \sum_{i=1}^N (x_i - \bar{x}), \quad (2.4)$$

e distribuindo o somatório, de modo que:

$$S = \sum_{i=1}^N x_i - \sum_{i=1}^N \bar{x} = \sum_{i=1}^N x_i - N\bar{x}. \quad (2.5)$$

Utilizando a expressão do valor médio (equação 2.1):

$$\sum_{i=1}^N x_i = N\bar{x}, \quad (2.6)$$

obtemos $S = 0$ como queríamos mostrar.

Por esta razão, a soma dos desvios não é um parâmetro que possa ser utilizado para caracterizar a distribuição das medições ao redor do valor médio e é necessário utilizar outro parâmetro.

2. Dispersão das medições ou **desvio padrão** define-se como:

$$\sigma = \sqrt{\frac{\sum_{i=1}^N (x_i - \bar{x})^2}{N - 1}}. \quad (2.7)$$

O desvio padrão é um parâmetro que caracteriza o processo de medida. Quando as medições são poucas, σ pode flutuar, mas para muitas medidas (N grande) estabiliza-se e não depende do número de medições.

3. O **erro ou incerteza do valor médio** é dado por:

$$\xi = \frac{\sigma}{\sqrt{N}}. \quad (2.8)$$

O erro do valor médio é a dispersão esperada para as médias de várias séries de medições realizadas nas mesmas condições. O erro do valor médio depende do

número de medições como se pode ver na sua expressão, sendo que ela diminui com o aumento do número de medições.

Medidas Indiretas

Como já foi definido anteriormente, há grandezas que não podem ser determinadas diretamente, mas que se obtêm a partir de outras grandezas que, estas sim, são medidas de forma direta. Portanto, as incertezas das grandezas que se medem diretamente devem ser propagadas para contribuir à incerteza da grandeza que se calcula utilizando uma determinada expressão.

Sejam x_1, x_2, \dots, x_N grandezas independentes medidas de forma direta, e seja a grandeza que se quer determinar $F = F(x_1, x_2, \dots, x_N)$ uma função das grandezas x_1, x_2, \dots, x_N , cujas incertezas estão dadas por $\delta x_1, \delta x_2, \dots, \delta x_N$. Pode-se mostrar que a incerteza de F é dada por:

$$(\delta F)^2 = \left(\frac{\partial F}{\partial x_1} \right)^2 \cdot \delta x_1^2 + \left(\frac{\partial F}{\partial x_2} \right)^2 \cdot \delta x_2^2 + \dots + \left(\frac{\partial F}{\partial x_N} \right)^2 \cdot \delta x_N^2, \quad (2.9)$$

ou

$$(\delta F)^2 = \sum_{i=1}^N \left(\frac{\partial F}{\partial x_i} \right)^2 \cdot \delta x_i^2. \quad (2.10)$$

Esta equação é a fórmula de propagação da incerteza para uma grandeza determinada indiretamente.

Comparação entre duas medidas da mesma grandeza

Muitas vezes comparamos diferentes resultados experimentais para a medida de uma mesma grandeza. Estes resultados podem vir por exemplo das diferentes técnicas utilizadas para determinar uma grandeza, ou podem vir de valores conhecidos tabulados na literatura. Vamos supor que temos dois resultados para uma mesma grandeza sendo o primeiro $x_1 \pm \delta x_1$ e o segundo $x_2 \pm \delta x_2$. Se eles são estimativas de uma mesma grandeza, esperamos que a discrepância entre eles ($|x_1 - x_2|$) seja compatível com zero. Como cada uma das medidas está sujeita a uma flutuação estatística de acordo com sua incerteza, em geral encontramos valores diferentes de zero para a discrepância. Como podemos avaliar se a discrepância é significativamente diferente de zero? Há várias formas de se fazer essa avaliação, dependendo do grau de confiança que queremos ter na afirmação de que a diferença é incompatível com zero (ou equivalentemente de que os dois valores são incompatíveis entre si). Na Física Experimental I, vamos considerar a discrepância entre os valores ($|x_1 - x_2|$) pouco significativa ou irrelevante quando for menor que 3 vezes a incerteza da discrepância. Utilizando a expressão para propagação de incertezas definida na Seção 2, determinamos a incerteza da discrepância $\delta|x_1 - x_2| = \sqrt{\delta x_1^2 + \delta x_2^2}$. Resumindo, duas medidas independentes x_1 e x_2 da mesma grandeza são consideradas **compatíveis**

quando :

$$|x_1 - x_2| < 3\sqrt{\delta x_1^2 + \delta x_2^2}$$

ou

$$\frac{|x_1 - x_2|}{\sqrt{\delta x_1^2 + \delta x_2^2}} < 3.$$

Ao contrário, consideramos as duas medidas x_1 e x_2 **incompatíveis** quando a discrepância entre elas é maior que 3 vezes a incerteza da discrepância.

Considere por exemplo a medida de um comprimento de uma mesa cujo resultado é $L = (98 \pm 1)$ cm. Como podemos ver se esse resultado é compatível com o valor nominal fornecido pelo fabricante, que é de $L_{nom} = 1$ m? Como o valor nominal nesse caso não tem incerteza, a incerteza da discrepância é igual à incerteza da medida experimental. A discrepância é de 2 cm, que é apenas duas vezes a incerteza da discrepância e a medida é, portanto, compatível com o valor nominal. Uma outra forma de ver isso é analisando se o valor nominal está contido no intervalo de valores $I_{exp} = [L - 3\delta L, L + 3\delta L]$. Nesse caso, o valor 100 cm está contido no intervalo $I_{exp} = [95, 101]$ cm.

Em um outro exemplo, um estudante mede o valor da aceleração da gravidade e encontra $g_{exp} = 9,21 \pm 0,01$ m/s² e quer comparar com o valor tabelado $g = 9,787 \pm 0,001$ m/s². Temos:

$$\frac{|g_{exp} - g|}{\sqrt{\delta g_{exp}^2 + \delta g^2}} = \frac{0.577}{0.01005} \approx 57 \gg 3.$$

Logo, os dois valores são incompatíveis.

Algarismos Significativos

Imagine que você pergunta a hora a uma pessoa com um relógio de pulso analógico, como o mostrado na Figura 3.1. Essa pessoa dá uma olhada no relógio, e responde: são 10 horas e 42 minutos. Você entende que o ponteiro dos minutos certamente estava entre o 8 e o 9, ou seja, corresponde a um valor entre 40 e 45 minutos, mais próximo de 40 do que de 45. Dizemos que esse algarismo que foi estimado, o 2, é um **algarismo duvidoso**. Os outros algarismos são **algarismos certos**: o ponteiro das horas estava entre 10 e 11, com certeza. O conjunto de algarismos certos e duvidosos são os **algarismos significativos da medida**. Quanto maior for o número de algarismos significativos em uma medida, mais informação ela traz.



Figura 3.1: Relógio marcando hora.

Quando realizamos uma medição direta de uma grandeza, a partir da leitura de um instrumento analógico, que apresenta uma escala, o procedimento que se usa para fazer o registro do valor da grandeza é anotar todos os algarismos fornecidos pela escala do instrumento, eventualmente acrescentando mais um algarismo, que represente uma fração da menor divisão da escala do instrumento. No exemplo acima, do relógio, ao estimar 42 minutos, a pessoa imaginou uma escala de subdivisão da menor divisão do relógio em 5 partes, cada uma delas correspondendo a 1 minuto, e estimou que o ponteiro estava mais perto de duas subdivisões. Quando o instrumento é digital, o múltiplo da menor medida que ele pode fazer corresponde ao algarismo duvidoso do valor lido. Em um cronômetro digital com resolução de 1 centésimo de segundo, que mede um intervalo de tempo de 12,04 s, o 4 é o algarismo duvidoso da medida direta.

Um ponto que sempre gera dúvida é se os zeros são significativos ou não. Para responder, pense em alterar as unidades da medida. Se o número de zeros mudar ao fazer essa alteração, eles não são significativos, já que indicam apenas em que unidades estamos escrevendo a medida. A medida $x_1 = 2,47$ cm tem três algarismos significativos, sendo o 7 duvidoso. Para escrever x_1 em metros, caminhamos a vírgula para a esquerda duas casas decimais e completamos com zeros. Nada foi feito em termos de alterar a quantidade de informação em x_1 , apenas trocamos as unidades, logo esses zeros de preenchimento não são significativos. Em resumo, as duas formas abaixo são equivalentes e têm três algarismos significativos:

$$x_1 = \underbrace{2,47}_{\text{sig}} \text{ cm} = 0,0 \underbrace{247}_{\text{sig}} \text{ m}$$

A mudança para uma unidade menor pode ser feita com ajuda de potências de dez, que não contam como algarismos significativos. Por exemplo, a medida x_2 , com dois algarismos significativos pode ser escrita nas formas equivalentes

$$x_2 = 0, \underbrace{52}_{\text{sig}} \text{ kg} = 0, \underbrace{52}_{\text{sig}} \times 10^3 \text{ g} = \underbrace{5,2}_{\text{sig}} \times 10^2 \text{ g}$$

Se escrevermos uma medida como $x_3 = 3,10$ s, ficará implícito que temos certeza dos três segundos e do um décimo de segundo. O zero na casa dos centésimos de segundo é duvidoso, sendo o último algarismo significativo da medida. Os zeros ao final do número são significativos. Observe mais um exemplo:

$$\underbrace{100}_{\text{sig}} \text{ m} = 0, \underbrace{100}_{\text{sig}} \text{ km} = \underbrace{1,00}_{\text{sig}} \times 10^8 \mu\text{m}$$

Também aqui os dois algarismos zero à direita do 1 são significativos, independentemente da unidade que escolhemos para registrar o valor. Ao todo o comprimento registrado tem 3 algarismos significativos.

3.1 Incertezas e algarismos significativos

Normalmente usamos um ou dois algarismos significativos para representar as incertezas, dependendo do grau de estimativa envolvido na sua determinação. Como vamos trabalhar com muitas estimativas na determinação das incertezas nas medidas diretas, usaremos a convenção de um significativo. Assim, o valor da medida deve ser escrito até a casa decimal afetada pela incerteza, como nos exemplos abaixo.

$$L = (2,25 \pm 0,05) \text{ cm} \quad M = (351 \pm 2) \times 10^{-2} \text{ kg}$$

No caso da incerteza de medidas indiretas, em geral é preciso arredondar o valor determinado a partir da propagação das incertezas das medidas diretas, explicado no Capítulo 2.

Para arredondar um determinado valor, vamos adotar os critérios da norma técnica da

Associação Brasileira de Normas Técnicas ABNT-5891:

1. quando o algarismo a ser conservado for seguido de um algarismo inferior a 5, permanece inalterado o algarismo a ser conservado e retiram-se os posteriores (1,6357 arredondado à primeira casa decimal torna-se 1,6);
2. quando o algarismo a ser conservado for seguido de um algarismo superior a 5, ou igual a 5 seguido de no mínimo um algarismo diferente de zero, soma-se uma unidade ao algarismo a ser conservado e retiram-se os posteriores (1,6678 torna-se 1,7 e 1,6505 torna-se 1,7, arredondados à primeira casa decimal);
3. Se o algarismo à seguida do algarismo a ser conservado for igual a 5 e não houver mais nenhum algarismo à sua direita ou se todos os algarismos à direita forem zeros, retira-se todos os algarismos posteriores ao que será conservado e :
 - (a) adiciona-se uma unidade ao algarismo conservado, se este for ímpar;
 - (b) permanece inalterado o algarismo conservado, se este for par.

Observe os arredondamentos abaixo, feitos de modo a que a medida tenha 3 algarismos significativos e seguindo os critérios acima:

- $x = 4,678 \text{ m} \rightarrow x = 4,68 \text{ m}$
- $y = 4,674 \text{ m} \rightarrow x = 4,67 \text{ m}$
- $z = 4,675 \text{ m} \rightarrow x = 4,68 \text{ m}$
- $w = 4,665 \text{ m} \rightarrow x = 4,66 \text{ m}$

Como exemplo, vamos calcular o peso p da massa $m = (234,40 \pm 0,02)\text{g}$ sabendo que $g = (9,7879 \pm 0,0001) \text{ m/s}^2$. Vamos trabalhar no SI, portanto escrevemos $m = (234,40 \pm 0,02) \times 10^{-3} \text{ kg}$. Com isso,

$$p = m g = 2,29428376 \text{ N}$$

Agora vamos calcular a incerteza. Como temos um produto,

$$\left(\frac{\delta_p}{p}\right)^2 = \left(\frac{\delta_m}{m}\right)^2 + \left(\frac{\delta_g}{g}\right)^2 = \left(\frac{0,02}{234,00}\right)^2 + \left(\frac{0,0001}{9,7879}\right)^2 = 7,409 \times 10^{-10}$$

Logo,

$$\delta_p = 2,29428376 \text{ N} \times 2,72 \times 10^{-5} = 6,23 \times 10^{-5} \text{ N}$$

Agora escrevemos a incerteza calculada com um significativo:

$$\delta_p = 6 \times 10^{-5} \text{ N}$$

Finalmente escrevemos p até a quinta casa decimal, usando o critério de arredondamento, e escrevemos o resultado final:

$$2,29428376 \text{ N} \rightarrow p = (2,29428 \pm 0,00006) \text{ N}$$

Claro que também poderíamos usar a equação (2.10) para calcular a incerteza absoluta:

$$\delta_p = \sqrt{(m\delta_g)^2 + (g\delta_m)^2}.$$

3.2 Regra de bolso sobre algarismos significativos

Muitas vezes o cálculo da incerteza propagada pode ser bem longo e fica difícil de saber se o resultado está certo ou não. Uma forma simples de saber se pelo menos a ordem de grandeza da incerteza propagada está correta é usar a seguinte regra:

- Numa operação matemática envolvendo medidas com diferentes números de algarismos significativos o resultado terá aproximadamente o mesmo número de algarismos significativos que a medida com menor número.

Vamos calcular o volume V de um tubo de seção reta quadrada de lado $a = (2,0 \pm 0,1) \text{ cm}$ e comprimento $L = (120,0 \pm 0,1) \text{ cm}$. A medida a tem 2 algarismos significativos e L , 4, sendo a mais precisa. Assim esperamos que V tenha entre 2 e 4 algarismos significativos. Vamos fazer a propagação:

$$V = a^2 L \rightarrow V = a^2 L = 120,0 \text{ cm}^3$$

$$\left(\frac{\delta_V}{V}\right) = \sqrt{\left(2\frac{\delta_a}{a}\right)^2 + \left(\frac{\delta_L}{L}\right)^2} = 0,1000034722$$

Um erro muito comum é esquecer que $0,1000034722$ é a incerteza relativa e escrever este valor como se fosse a incerteza absoluta.

Calculando corretamente a incerteza absoluta, temos

$$\delta_V = V \left(\frac{\delta_V}{V}\right) = (480,0 \text{ cm}^3)(0,1000034722) = 48,001666656 \approx 4,8001666656 \times 10 \text{ cm}^3$$

Finalmente,

$$V = (48 \pm 5) \times 10 \text{ cm}^3$$

O resultado final tem dois algarismos significativos, como a medida menos precisa usada no cálculo. Se for necessário melhorar a precisão da medida de V , vale a pena medir a com mais precisão. Note que ao escrevermos o resultado final, utilizamos a mesma potência de 10 para V e para sua incerteza δ_V . Assim podemos saber qual deve ser o último algarismo

a ser conservado no valor da medida e realizar o arredondamento, se necessário. Neste caso, o arredondamento foi feito na casa da unidade de $1 \times 10 \text{ cm}^3$.

4

Representações gráficas

4.1 Como fazer um histograma

Quando fazemos uma análise estatística de um conjunto de N medidas de uma determinada grandeza, podemos realizar um gráfico no qual se representa para cada valor (ou intervalo de valores) o número de vezes em que este aparece. Este tipo de gráfico recebe o nome de **Histograma**. Um exemplo é mostrado na Figura 4.1. Como o conjunto de valores obtidos é discreto, resulta um esquema de barras. A largura destas barras é a menor diferença entre os valores medidos ou o tamanho do intervalo escolhido no caso em que seja conveniente agrupar vários valores num intervalo (isto deve ser determinado em função da série de medições realizadas). O número de barras depende do conjunto de dados e do número total de medições.

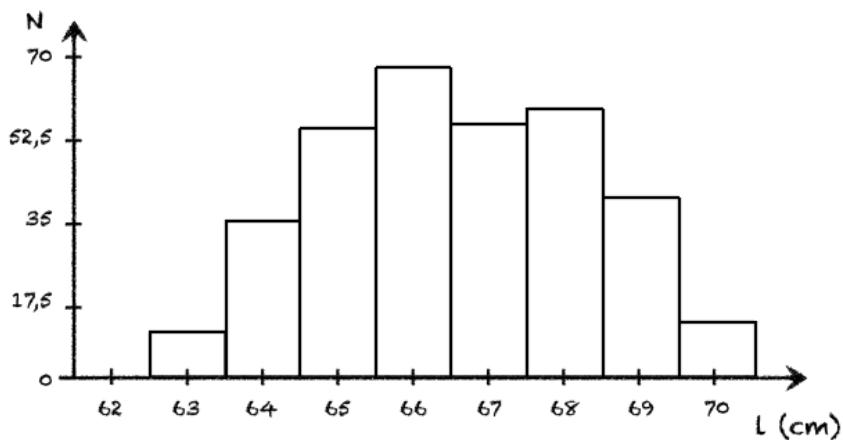


Figura 4.1: Exemplo de um histograma.

Para que fique mais claro, vamos considerar o seguinte exemplo. Medimos a altura de uma garrafa de água 40 vezes obtendo os seguintes valores, em centímetros:

Tabela 4.1: Tabela de frequências absolutas e relativas em função da altura medida de uma garrafa.

Intervalo (cm)	Valor do Intervalo (cm)	Frequência	Frequência Relativa (%)
19,5 - 19,7	19,6	2	5,0
19,7 - 19,9	19,8	3	7,5
19,9 - 20,1	20,0	3	7,5
20,1 - 20,3	20,2	7	17,5
20,3 - 20,5	20,4	12	30,0
20,5 - 20,7	20,6	8	20,0
20,7 - 20,9	20,8	4	10,0
20,9 - 21,1	21,0	1	2,5

20,3	20,1	20,2	20,5	20,2	19,7	20,6	20,4
19,8	20,3	20,1	20,2	20,3	20,4	20,3	19,6
20,0	19,5	20,7	20,3	20,1	20,7	20,5	20,5
20,5	20,3	20,4	20,2	20,3	20,2	20,6	20,8
20,4	20,0	19,9	20,6	20,8	19,7	20,9	20,3

Como podemos ver, há valores que se repetem e a frequência de repetição é diferente para cada valor. Esta informação pode ser apresentada em forma gráfica, mediante a construção de um histograma. Para isto devemos escolher valores ou intervalos de valores e determinar quantas vezes o valor se repete no conjunto de dados.

Para nosso exemplo, vamos escolher intervalos de 0,2 cm começando pelo menor valor medido de 19,5 cm. Desta forma o primeiro intervalo será de 19,5 a 19,7 cm, o segundo de 19,7 cm a 19,9 cm e assim sucessivamente. Cada intervalo será representado no gráfico pelo seu valor central, ou seja, para o primeiro será 19,6 cm, para o segundo 19,8 cm, etc. Como os intervalos são contínuos devemos escolher como serão os limites dos intervalos, aberto e fechado, pois, por exemplo, o valor 19,7 cm vai contar para o primeiro ou o segundo intervalo. No nosso exemplo, o valor inferior vai ser o fechado e o valor superior o aberto (ou seja, 19,7 cm vai contar para o segundo intervalo e não para o primeiro). Desta forma, podemos construir a Tabela 4.1, de frequências:

Uma vez construída a tabela, podemos fazer o gráfico no qual vamos colocar no eixo-x os valores centrais dos intervalos escolhidos e no eixo-y o número de repetições (Frequência). Para isto deve ser escolhida uma escala adequada em cada eixo, de forma que a distância entre todos os valores centrais dos intervalos seja constante. Para o caso do eixo-y, a escala deve ser escolhida de forma tal que o valor mais repetido fique na parte superior do eixo,

de forma que possa ser apreciada a estrutura do histograma. Uma vez escolhida a escala, uma barra será desenhada para cada intervalo com o tamanho da frequência determinada na tabela anterior, como mostramos no lado esquerdo da Figura 4.2.

Uma forma alternativa de se fazer o histograma é colocando no eixo-y a frequência relativa, ou seja, o número de repetições dividido pelo número total de medidas, frequentemente mostrado em percentagem, como na última coluna da Tabela 4.1 e no histograma do lado direito da Figura 4.2.

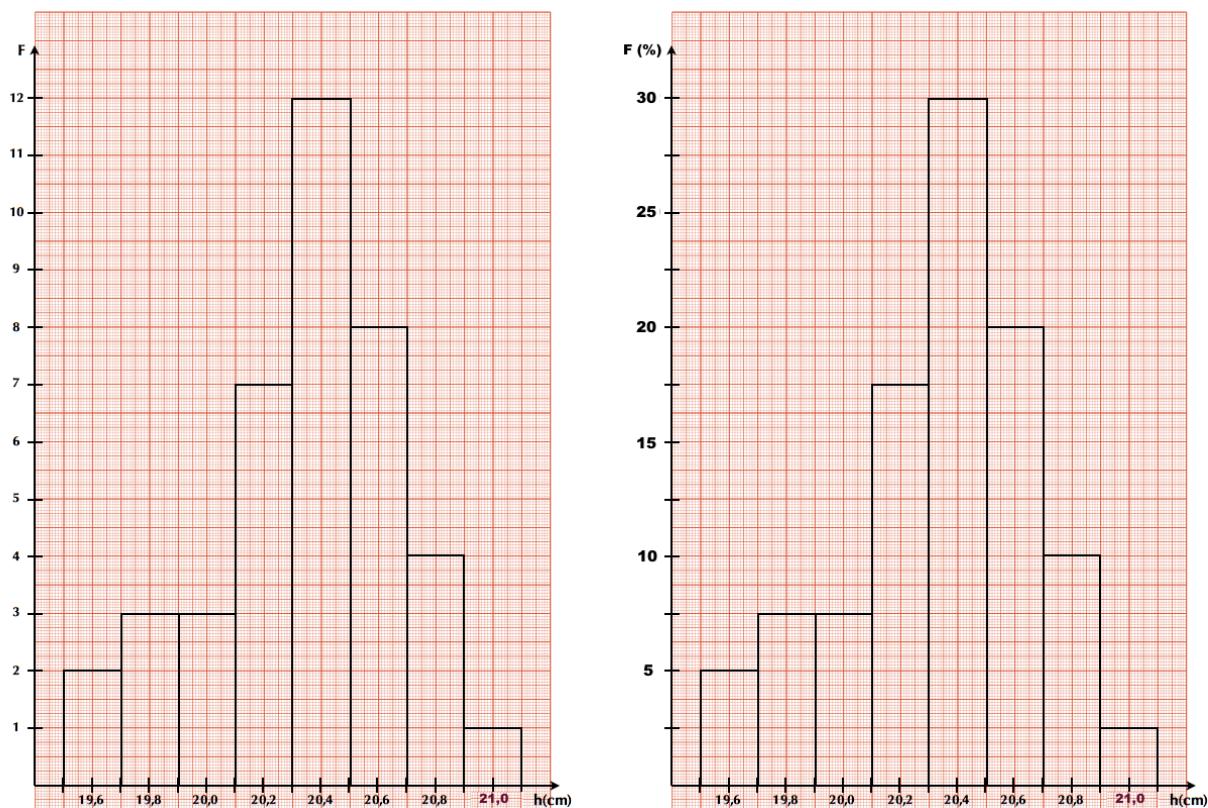


Figura 4.2: Histogramas de frequências (lado esquerdo) e frequências relativas (lado direito) da medida da altura (h) da garrafa de água .

4.2 Como realizar um gráfico

Uma forma muito útil de apresentar os resultados experimentais é a partir de representações gráficas dos mesmos, pois neles a informação é sintetizada, facilitando sua análise e interpretação. Geralmente, um gráfico é mais útil que uma tabela de valores, por exemplo, quando estamos realizando medições de uma variável Y em função de outra X que varia independentemente e queremos ver a relação funcional entre elas (por exemplo, a posição de um móvel em função do tempo), ou para estudar se duas variáveis possuem alguma correlação ou não.

Em Física Experimental I, todos os gráficos que realizaremos serão em duas dimensões além dos histogramas que já foram discutidos na sessão 4.1. O primeiro passo é escolher

quais serão as variáveis e, logo, qual é a variável independente que será representada no eixo horizontal e qual a dependente no eixo vertical. Por exemplo, se queremos representar a posição de um corpo em movimento em função do tempo vamos identificar duas variáveis: posição (x) e tempo (t), sendo o tempo a variável independente. Ou seja, o tempo será colocado no eixo-x e a posição no eixo-y.

Uma vez escolhidas as variáveis, devemos determinar a escala para cada eixo. Para isto temos que considerar os valores medidos de cada variável, de forma a poder escolher uma escala que facilite a leitura dos pontos experimentais, ou qualquer outro ponto representado no gráfico. Quando desenhamos o gráfico em papel, devemos escolher a escala de forma a usar pelo menos metade da folha para representar os pontos experimentais. Para facilitar a leitura do gráfico, é interessante utilizar escalas em que cada milímetro do papel corresponda a múltiplos ou submúltiplos de 2 ou 5 da grandeza correspondente. A determinação da escala em cada eixo é independente.

Consideremos os seguintes valores medidos para o exemplo da posição do corpo em função do tempo:

Tempo (s)	Posição (m)	Incerteza da Posição (m)
0,1	29	1
0,3	34	1
0,4	41	1
0,5	38	1
0,7	33	1
1,0	26	1
1,1	23	1
1,2	20	1
1,4	17	1
1,5	16	1

Vamos realizar o gráfico em papel milimetrado, usando a folha “na vertical”, de forma que o eixo-x fique na menor dimensão da mesma e o eixo-y na maior. Para o eixo-x, onde vamos representar o tempo, a escolha parece simples, começamos em 0 (zero) e consideramos uma escala de 10 mm para cada 0,1 s, pois o tamanho nesta dimensão é de 180 mm e nós precisamos marcar de 0 a 1,5 s. Para o eixo-y, onde vamos representar a posição, dispomos de 28 cm de folha. Neste caso, podemos considerar duas possibilidades: (A) começamos a escala a partir do zero ou (B) começamos ela perto do menor valor medido, neste caso 16 m. Em ambos os casos a escala deve ir até o máximo valor medido ou algum valor superior imediato. Em geral escolhemos um valor superior que permita ajustar a escala para um múltiplo de 2 ou 5. Se considerarmos o caso (A), uma escala possível seria 1 cm no papel para cada 2 m de posição (Figura 4.3-Esquerda). Como podemos ver, não é necessário começar do zero, podemos começar por exemplo de 15 m (caso B) e escolher uma

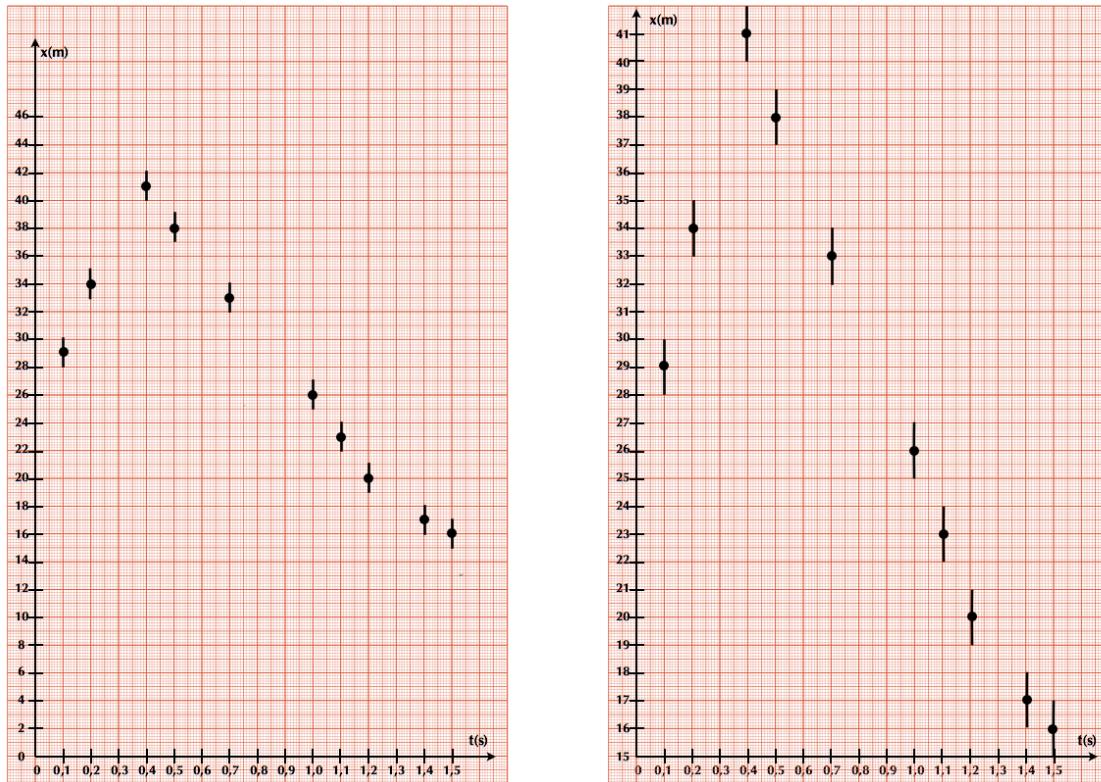


Figura 4.3: Esquerda: Gráfico da posição (x) em função do tempo (s) para o caso A. Direita: Gráfico da posição (x) em função do tempo (s) para o caso B.

escala de 1 cm para cada 1 m (Figura 4.3-Direita). Desta forma podemos observar melhor a estrutura própria do gráfico. Uma vez definida a escala, marcamos valores regularmente espaçados nos eixos correspondentes e identificamos os eixos com as grandezas que estes representam, com suas respectivas unidades. Finalmente, desenha-se os pontos com suas barras de erro de acordo com a tabela de dados, como pode se ver na Figura 4.3. A barra de erro é a representação gráfica da incerteza. Assim, ela deve ser desenhada como uma reta que vai de um valor igual ao valor do ponto subtraído do valor de uma incerteza até o valor do ponto somado de uma incerteza.

Não existe uma única forma de representar os nossos dados. No exemplo anterior, ambos os gráficos estão corretos. **O importante é que se deve adotar uma “escala limpa e fácil de ser lida” de modo a que não seja necessário fazer cálculos para achar a localização dos pontos no gráfico. Se você precisar fazer muitos cálculos, algo está inadequado.**

Ajuste linear

5.1 Ajuste de uma função linear por Mínimos Quadrados

Se medimos duas variáveis, X e Y, cuja relação sabemos que é linear, podemos encontrar uma relação analítica que melhor ajuste nossos dados. A forma de realizá-la é mediante o procedimento de Mínimos Quadrados, que no caso particular de uma função linear chama-se de regressão ou ajuste linear. Em Física Experimental I, só trabalharemos com este tipo de ajuste, seja porque as relações das grandezas medidas tem uma relação linear ou porque seremos capazes de linearizar relações entre grandezas.

Vamos então nos focalizar só no caso da regressão linear, deixando o caso mais genérico de mínimos quadrados para ser estudado mais para a frente. Na Figura 5.1, mostramos o caso linear. A dispersão dos valores está associada às flutuações dos valores de cada variável. Supomos uma tendência linear entre as variáveis X e Y, e nos perguntamos qual é a melhor reta:

$$y(x) = ax + b \quad (5.1)$$

que ajusta estes dados. A quantidade $y_i - y(x_i)$ representa o desvio de cada medida y_i em relação ao valor previsto pelo modelo $y(x)$.

Vamos definir uma função χ^2 (chi-quadrado), dada por:

$$\chi^2 = \sum_{i=1}^N (y_i - (ax_i + b))^2 \quad (5.2)$$

onde N é o número de pontos que serão utilizados para a realização do ajuste linear. Desta forma, a função χ^2 é uma medida do desvio total dos valores medidos y_i em relação aos valores previstos pelo modelo linear $ax + b$. Os melhores valores para o coeficiente angular a e o coeficiente linear b são os que minimizam este desvio total, ou seja o valor de χ^2 .

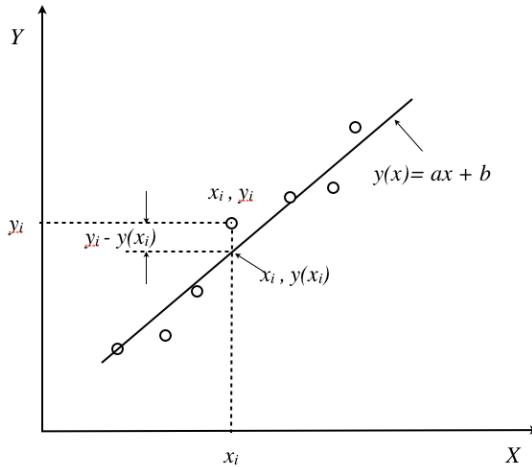


Figura 5.1: Gráfico de dados associado a um modelo linear.

Portanto, os melhores valores de a e b serão os que satisfazem:

$$\frac{\partial \chi^2}{\partial a} = 0 \quad \text{e} \quad \frac{\partial \chi^2}{\partial b} = 0 \quad (5.3)$$

Resolvendo as duas equações obtemos (mostrar):

$$a = \frac{N \sum_i x_i y_i - \sum_i x_i \sum_i y_i}{N \sum_i x_i^2 - (\sum_i x_i)^2} \quad (5.4)$$

$$b = \frac{N \sum_i x_i^2 \sum_i y_i - \sum_i x_i \sum_i x_i y_i}{N \sum_i x_i^2 - (\sum_i x_i)^2} \quad (5.5)$$

Estes dois resultados se aplicam ao caso em que todos os dados da variável dependente (y) têm a mesma incerteza absoluta e a incerteza da variável independente (x) considera-se desprezível. As incertezas dos parâmetros a e b são dadas por:

$$\sigma_a = \sqrt{\frac{\chi_N^2}{N V[x]}} \quad \text{e} \quad \sigma_b = \sqrt{\frac{\chi_N^2 \sum_i x_i^2}{N V[x]}} \quad (5.6)$$

onde $V[x]$ é a variância de x e χ_N^2 é conhecido como o chi-quadrado por grau de liberdade (ou chi-quadrado reduzido), que no caso linear está dado por:

$$\chi_N^2 = \frac{1}{N-2} \chi^2 = \frac{1}{N-2} \sum_{i=1}^N (y_i - (ax_i + b))^2 \quad (5.7)$$

A qualidade do ajuste linear pode ser determinada pelo *coeficiente de correlação* dado por:

$$\rho = \frac{\frac{1}{N} \sum_i x_i y_i - \frac{1}{N^2} \sum_i x_i \sum_i y_i}{\sqrt{V[x]V[y]}} \quad (5.8)$$

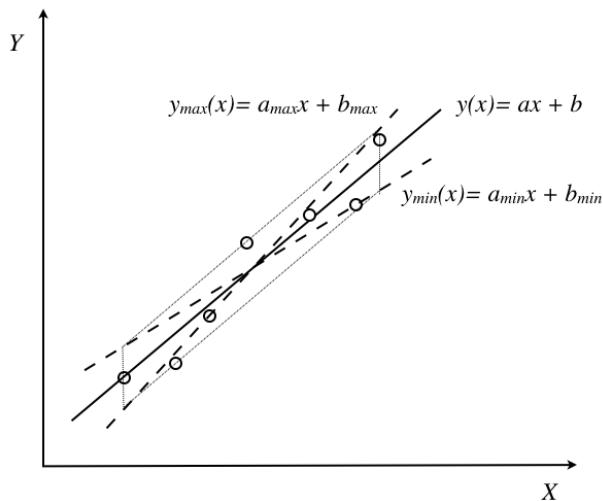
onde:

$$V[x] = \frac{1}{N} \sum_{i=1}^N x_i^2 - \left(\frac{1}{N} \sum_{i=1}^N x_i \right)^2 \quad \text{e} \quad V[y] = \frac{1}{N} \sum_{i=1}^N y_i^2 - \left(\frac{1}{N} \sum_{i=1}^N y_i \right)^2 \quad (5.9)$$

5.2 Método gráfico para ajustar uma reta com incerteza

Se medimos duas variáveis, X e Y , cuja relação sabemos que é linear, podemos encontrar uma relação analítica que melhor ajuste nossos dados. No Capítulo 4 da parte Conceitos Básicos na apostila discutimos como isto é feito analiticamente mediante o método de mínimos quadrados, mas aqui estudaremos como fazê-lo a partir do gráfico de Y em função de X , o que chamamos de **método gráfico**.

Na figura seguinte podemos observar a distribuição dos dados, círculos abertos, que queremos ajustar. Neste caso, para simplificar, vamos considerar que a incerteza associada a cada medida é do tamanho do ponto. Para ajustar graficamente os pontos por uma reta que melhor representa a variação de Y em função de X devemos traçar uma reta de forma tal que os pontos que se situem “acima” da reta se vejam compensados pelos pontos que se situem “abaixo” da mesma, como na linha cheia mostrada na figura¹.



Desta forma podemos determinar o coeficiente angular (a) e linear (b) para a equação da reta $y = ax + b$. Mas mesmo no caso gráfico é preciso dar as incertezas associadas à determinação de a e b . Para isto, vamos traçar duas linhas paralelas à melhor reta (R) que ajusta os nossos dados encontrados, uma passando pelo ponto mais afastado “acima” da reta R e outra pelo ponto mais afastado “abaixo” da reta R . Caso exista um ou outro ponto excepcionalmente afastado da reta média poderá não ser considerado pois a probabilidade de corresponder a uma medida incorreta é grande. Obtendo a interseção destas

¹Note que o uso de uma régua transparente é conveniente pois permite ter uma visão global de todos os pontos.

retas por duas retas paralelas ao eixo-y que contêm o primeiro e último ponto experimental representado temos um “paralelogramo de incerteza” como é mostrado na figura (paralelogramo pontilhado). A partir deste, desenhamos as duas retas diagonais achando o que chamaremos a reta de máxima $y_{max} = a_{max}x + b_{max}$ e a de mínima $y_{min} = a_{min}x + b_{min}$ (ver figura).

A partir destas três retas, podemos então determinar as incertezas associadas para o coeficiente angular δa e linear δb como:

$$\delta a = \frac{a_{max} - a_{min}}{2}$$

$$\delta b = \frac{b_{max} - b_{min}}{2}$$

6

Determinação da velocidade instantânea

No movimento uniformemente acelerado a velocidade da partícula em um instante t pode ser calculada a partir da velocidade média calculada entre os instantes $t + \Delta t$ e $t - \Delta t$ com Δt constante. Isto é:

$$\langle v(t) \rangle = \frac{x(t + \Delta t) - x(t - \Delta t)}{2\Delta t} \quad (6.1)$$

Assim, para um conjunto de medições de posição em função do tempo, podemos calcular a velocidade em cada ponto (i) a partir das medições de tempo e posição do ponto posterior (t_{i+1} e x_{i+1}) e anterior (t_{i-1} e x_{i-1}), utilizando a fórmula:

$$v_i = \frac{x_{i+1} - x_{i-1}}{t_{i+1} - t_{i-1}} \quad (6.2)$$

Para cada valor de velocidade também podemos calcular a incerteza associada mediante a fórmula de propagação de incertezas. Desprezando a incerteza na determinação do tempo, obtemos:

$$\delta_{v_i}^2 = \frac{\delta_{x_{i+1}}^2 + \delta_{x_{i-1}}^2}{(t_{i+1} - t_{i-1})^2} \quad (6.3)$$

onde $\delta_{x_{i+1}}^2$ e $\delta_{x_{i-1}}^2$ são as incertezas na determinação da posição x_{i+1} e x_{i-1} respectivamente.

Distribuição Gaussiana

Valor médio, Desvio Padrão e Densidade de Probabilidade

Sejam N medições aleatórias independentes de uma grandeza qualquer, $x_1, x_2, x_3, \dots, x_N$. Como alguns dos valores x_i medidos podem ser repetidos, podemos dizer que para esta grandeza temos M **eventos** possíveis de medida tal que $M \leq N$ e eles são: y_1, y_2, \dots, y_M . Então, podemos definir a **frequência de ocorrência** do evento y_i como $N(y_i)$ de forma tal que:

$$\sum_{i=1}^M N(y_i) = N. \quad (7.1)$$

Desta forma, podemos definir a **frequência relativa** como a fração de eventos y_i em relação ao número total de eventos N , dada por:

$$F(y_i) = \frac{N(y_i)}{N}, \quad (7.2)$$

de forma que (mostrar):

$$\sum_{i=1}^M F(y_i) = 1. \quad (7.3)$$

Se o processo é repetido indefinidamente, ou seja, $N \rightarrow \infty$, a frequência relativa é interpretada como a **probabilidade de ocorrência** do evento y_i :

$$P(y_i) = \lim_{N \rightarrow \infty} F(y_i) = \lim_{N \rightarrow \infty} \frac{N(y_i)}{N}, \quad (7.4)$$

e como sabemos que $0 \leq N(y_i) \leq N$, então $0 \leq P(y_i) \leq 1$.

No Capítulo 2 da parte Conceitos Básicos definimos os conceitos de valor médio e desvio padrão. Agora podemos re-escrever estas definições em função da frequência relativa, obtendo:

1. Valor médio

$$\bar{x} = \sum_{i=1}^M F(x_i)x_i, \quad (7.5)$$

2. Variância $V[x] = \sigma^2$

$$\sigma^2 = \sum_{i=1}^M (x_i - \bar{x})^2 F(x_i) \quad (7.6)$$

Quando realizamos observações experimentais utilizamos instrumentos que determinam os valores de grandezas que são continuamente distribuídas. Os resultados são truncados até o limite da precisão de medida do instrumento utilizado. Por exemplo, um cronômetro usual mede intervalos de tempo com precisão de um centésimo de segundo. Isto significa que intervalos de tempo menores que este valor não podem ser medidos com este instrumento. Assim, os resultados obtidos serão representados por um número finito de valores, mesmo que a variável observada seja contínua. Algumas vezes, o número de valores possíveis medidos, mesmo que finito, pode ser muito grande, e para estes casos é conveniente agrupa-los em intervalos. Desta forma o conjunto de medidas diferentes fica reduzido sem que a informação da amostra original seja perdida.

Consideremos novamente N medições aleatórias independentes de uma grandeza qualquer, $x_1, x_2, x_3, \dots, x_N$. Para estes casos, definimos como o mesmo evento todo resultado da realização do processo aleatório y que caia num intervalo de valores Δy , de forma que o evento agora será caracterizado por $\{y_i, \Delta y\}$:

$$y_i - \frac{\Delta y}{2} \leq x_j < y_i + \frac{\Delta y}{2}. \quad (7.7)$$

A probabilidade de ocorrência do evento $\{y_i, \Delta y\}$ é definida por:

$$P(y_i) = \Delta P_i \quad (7.8)$$

onde ΔP_i é a probabilidade de encontrarmos como resultado da realização do processo aleatório, valores no intervalo $\{y_i - \frac{\Delta y}{2}, y_i + \frac{\Delta y}{2}\}$. Para intervalos Δy pequenos, podemos escrever a seguinte relação:

$$P(y_i) = \Delta P_i = p(y_i)\Delta y \quad (7.9)$$

onde $p(y_i)$ é denominada de densidade de probabilidade do evento aleatório y_i . E se $\Delta y \rightarrow 0$, então ΔP_i e Δy são infinitesimais podendo escrever a densidade de probabilidade como:

$$p(y) = \frac{dP}{dy} \quad (7.10)$$

sendo que:

$$\int_{-\infty}^{+\infty} p(y) dy = 1 \quad (7.11)$$

Em N repetições de um processo aleatório real, a aproximação experimental para a proba-

bilidade de realização de um evento é a frequência relativa $F(y_i)$, definida na equação 7.2. Assim, a densidade de probabilidade experimental $p_{exp}(y_i)$ de ocorrência do evento $\{y_i, \Delta y\}$ é dada por:

$$p_{exp}(y_i) = \frac{F(y_i)}{\Delta y}. \quad (7.12)$$

Para o caso contínuo e utilizando o conceito de densidade de probabilidade, o valor médio (μ) e a variância (σ^2) podem ser escritos da seguinte forma:

1. Valor médio

$$\mu = \int_{-\infty}^{+\infty} y p(y) dy. \quad (7.13)$$

2. Variância $V[y] = \sigma^2$

$$\sigma^2 = \int_{-\infty}^{+\infty} (y - \mu)^2 p(y) dy. \quad (7.14)$$

Função de Laplace-Gauss

Em muitas situações experimentais utilizamos **distribuições Gaussianas** para interpretar nossos resultados físicos, em parte porque os fundamentos teóricos das medições realizadas se correspondem com distribuições Gaussianas ou porque a experiência tem nos mostrado que a estatística de Gauss nos proporciona uma descrição razoavelmente acurada dos vários eventos reais. Na distribuição Gaussiana, a densidade de probabilidade é dada por:

$$p(x) = G(x) = \frac{1}{\sqrt{2\pi\sigma^2}} e^{-\frac{1}{2}\left(\frac{x-\mu}{\sigma}\right)^2} \quad (7.15)$$

onde μ é o valor médio e σ o desvio padrão da distribuição, dados pelas equações discutidas anteriormente.

Na Figura 7.1 apresentamos a função Gaussiana de densidade de probabilidade para a variável continua x . Esta função é também chamada de função de Laplace-Gauss ou função Normal. O gráfico da função Gaussiana é uma curva simétrica em forma de “sino” com uma altura máxima dada por $G_{max} = 1/\sqrt{2\pi\sigma^2}$. Pode ser mostrado a partir da equação 7.15 que σ é a meia largura da curva na altura correspondente a $\sim 0,61G_{max}$ e que a área sob a curva entre $\mu - \sigma$ e $\mu + \sigma$ (região pintada na Figura 7.1) corresponde a 68,3% da área total. Isto quer dizer que a probabilidade de medirmos um valor no intervalo $\mu \pm \sigma$ é 68,3%. Seguindo o mesmo procedimento, podemos mostrar que a probabilidade de encontrarmos um valor entre $\mu \pm 2\sigma$ é 95,4% e entre $\mu \pm 3\sigma$ é 99,7%.

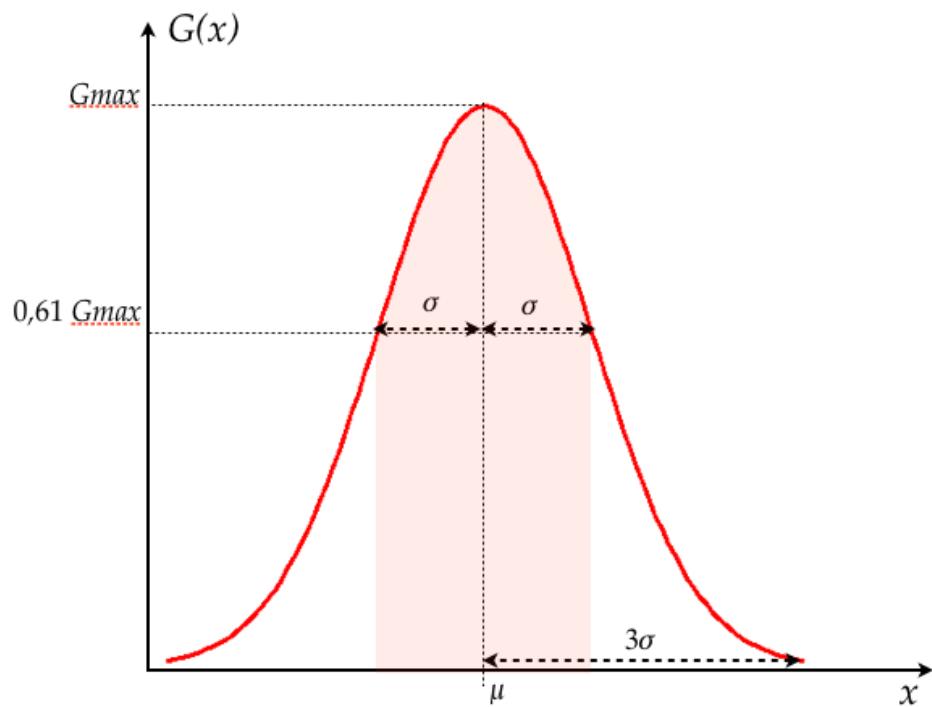


Figura 7.1: Representação da função Gaussiana.

PARTE III

EXERCÍCIOS

1

Algarismos significativos

Expresse corretamente os resultados para as seguintes medições com suas respectivas incertezas.

	Medição	Incerteza	Unidades	Resultado
1	67,002	0,023	cm	
2	0,001	2,3	erg	
3	45612,98	345	cm/s	
4	14	29	erg	
5	152,389	0,037	cm/s ²	
6	74,58	3,14	g	
7	0,0012	0,0001	m	
8	120034	2607	m/s ²	
9	45,98	2,1	erg	
10	65555,467	56,001	g	
11	23,456	1,2	m	
12	0,173	0,056	cm ³	
13	45001,6	657,31	J	
14	45,629	2,5914	km/h	
15	104104	104	m ²	
16	0,0826	0,099	cm/s	
17	3,69	1,582	mm ³	

	Medição	Incerteza	Unidades	Resultado
18	19,78	5,46	kg	
19	0,458	0,177	cm	
20	135,589	0,0888	g	
21	25,36	0,84	cm	
22	74589,589	5698,26	erg	
23	0,145	0,5	cm/s	
24	14580,8	37,36	erg	
25	125,369	0,041	cm/s ²	
26	74,58	3,14	g	
27	0,025	0,0074	m	
28	256	0,5	m/s ²	
29	7489	2,1	m/s ²	
30	4789,4	36,001	g	

2

Propagação incerteza

1. Os lados de um paralelepípedo são $a = (4,50 \pm 0,05)$ cm, $b = (8,50 \pm 0,09)$ cm e $c = (35,0 \pm 0,3)$ mm. Determinar o volume do cubo com sua incerteza absoluta e relativa.
2. Na medição da resistência (R), se obteve o valor da tensão $V = (15,2 \pm 0,2)$ V e da corrente $I = (2,6 \pm 0,1)$ A. Qual é a incerteza absoluta da resistência usando a equação $R = V/I$?
3. Um pêndulo simples é utilizado para medir o valor da aceleração da gravidade utilizando equação:

$$T = 2\pi\sqrt{\frac{l}{g}}.$$

O período T medido foi de $(1,24 \pm 0,02)$ s e o comprimento do pêndulo $l = (0,381 \pm 0,002)$ m. Qual é o resultado do valor da aceleração da gravidade g com sua incerteza absoluta e relativa?

4. Para medir o comprimento total de um pêndulo (fio + esfera) usou-se uma régua milimetrada para medir o comprimento do fio e um paquímetro para medir o diâmetro da esfera. Observam-se os seguintes valores com as suas respectivas incertezas:

Comprimento do fio = 2,100 m

Incerteza comprimento do fio = 0,5 cm

Diâmetro da esfera = 2,114 cm

Incerteza do diâmetro da esfera = 0,01 mm

Ache o comprimento total e a sua incerteza associada.

5. Para o cálculo do volume de uma esfera, foi dado o raio da mesma: $R = (232,0 \pm 0,1)$ mm. Calcular seu volume com a sua respectiva incerteza relativa.
6. A partir da figura 2.1, com as seguintes medidas:

$$L_1 = (5,00 \pm 0,05) \text{ cm}$$

$$L_2 = (20,00 \pm 0,05) \text{ mm}$$

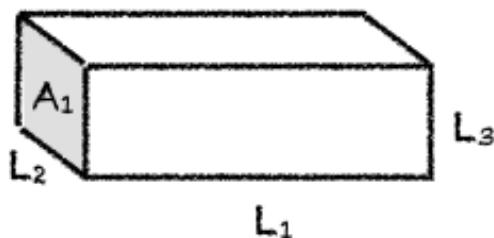


Figura 2.1: Bloco retangular.

$$L_3 = (15,00 \pm 0,01) \text{ mm}$$

- (a) Determine a área A_1 com a incerteza correspondente.
 - (b) Determine o volume desta peça com a incerteza correspondente.
 - (c) Se a precisão necessária para o resultado da área é de 0,5% podemos considerar este resultado satisfatório?
7. Para determinar a altura de uma cachoeira, algumas pessoas mediram o tempo de queda de pedrinhas que eram soltas, em queda livre, de um mesmo local. Conhecendo o tempo de queda t , pode-se calcular a altura h a partir da relação cinemática $h = 1/2gt^2$ em que g é a aceleração da gravidade. Foi utilizado um cronômetro com precisão de centésimos de segundo e os valores t_i obtidos em 8 medidas estão na seguinte tabela:

	$t(\text{s})$
1	1,30
2	1,09
3	1,03
4	1,27
5	1,18
6	1,31
7	1,24
8	1,15

Considerando $g = (9,784 \pm 0,001) \text{ m/s}^2$, calcule a altura da cachoeira e a sua incerteza.

PARTE IV

APÊNDICES



Caderno de laboratório

1. **É um documento.** Nele se tem todos os registros cronológicos de um experimentos ou ideia. Portanto, deve ter datas, sem rasuras nem espaços em branco, sem inserções e se possível assinado por quem realizou as anotações.
2. **É pessoal.** Pode haver outros cadernos de uso compartilhado, por exemplo, para equipamentos ou instrumentos de laboratório, etc., onde se registram informações de uso geral, como mudanças introduzidas em configurações experimentais ou estado de conservação dos equipamentos. Mas o caderno de laboratório contem ideias, propostas e modo de colocar a informação que são pessoais, próprias de cada pessoa.
3. **É um registro de anotação em sequência.** Não se devem intercalar resultados nem se corrigir o que está escrito. Em caso de se detectar um erro, se anota na margem o erro encontrado e a página na qual se corrige. Isto permite saber se o erro pode-se voltar a encontrar e a partir de que dados foi corrigido. Por este mesmo motivo não se deve escrever a lápis.
4. As páginas devem ser numeradas. Isto permite fazer referência de forma fácil e organizada às anotações anteriores, assim como também indicar na margem onde se corrigem os erros.
5. As fórmulas e figuras devem ter uma numeração consistente e interna. Um exemplo prático é numerar todas as fórmulas dentro de cada página ou folha e citá-las por página-fórmula. É importante numerar todas as fórmulas, pois não sabemos no futuro qual necessitaremos citar ou utilizar.
6. Referências completas. No caso em que se deva utilizar uma referência externa (roteiro do experimento, artigo, livro, etc.), esta referência deve ser completa. Se uma referência é citada com frequência pode-se utilizar a última página do caderno para registrá-la e citá-la por seu número. Quando citamos alguma coisa, sempre acreditamos que vamos nos lembrar de onde saiu, mas isto só é assim a curto prazo.
7. **Deve-se escrever todos os resultados.** Indicar sempre a maior quantidade de informação possível do experimento. Todas as condições experimentais devem ser

corretamente registradas e deve-se utilizar diagramas claros das configurações experimentais e indicando também cada vez que há uma mudança. Um dado ou informação que hoje parece irrelevante em função do nosso modelo da realidade, pode resultar vital ao descobrir que nossas ideias estavam erradas ou eram incompletas. A falta de um dado de aparência menor pode invalidar tudo o que foi realizado.

8. **Deve-se escrever o plano.** O que é que se pretende medir, o que é que se procura e as considerações ou razões pelas quais se faz o experimento. O planejamento do experimento e as ideias a serem realizadas devem ser explícitas. A anotação sequencial permite seguir a evolução das idéias, dado vital também para interpretar os resultados, pois os preconceitos condicionam o que se mede e como se mede. Saber o que se pensava no momento de medir vai nos indicar se nesse momento tivemos uma determinada precaução que depois demonstrou ser fundamental.
9. **Deve-se escrever as conclusões.** O mesmo vale para o planejamento do experimento.
10. **Fazer uma reorganização periódica das ideias.** Se uma ideia tem evoluído desde o inicio do experimento, é conveniente periodicamente fazer um quadro da situação, passando a limpo o que foi feito, para não ter que reconstruir a história a cada vez.



Como escrever um relatório?

A idéia desta nota é dar aos alunos de Física Experimental I algumas dicas e recomendações de como escrever um relatório. Infelizmente, não existe uma “receita” para isto, pois há várias maneiras de fazer um relatório, dependendo do tipo de trabalho realizado e de quem o escreva. Portanto, a organização do relatório pode ser diferente apresentando diferentes distribuições de seções. Nesta nota propõe-se uma estrutura básica com algumas sugestões, mas será com a experiência, com a prática e com as sucessivas correções do professor que os alunos aprenderão a fazê-lo. Escrever um relatório é um aprendizado que se obtém aos poucos.

O ponto principal a ser tido em conta é que no relatório deve-se apresentar os resultados obtidos de forma clara e concisa. Para isto, deve-se expor cuidadosamente quais são os objetivos do trabalho realizado, os conceitos físicos básicos necessários para a realização do experimento e como ele foi realizado, entre outros. O relatório tem que ser escrito de modo que um leitor que nunca tenha realizado o experimento descrito, ou a pesquisa realizada, seja capaz de entender e até reproduzir o trabalho a partir do conhecimento adquirido na sua leitura. Para começar, sugere-se a seguinte distribuição:

- **Título e autores:** O título deve descrever claramente o conteúdo do trabalho. O relatório tem que ter o(s) nome(s) do(s) autor(es) e as informações relevantes referentes a ele(s).
- **Resumo:** Deve dar uma visão completa do trabalho realizado. De forma breve, deve-se descrever qual é o objetivo do mesmo, o que foi feito e qual foi o resultado obtido.
- **Introdução:** Nela expõem-se as motivações do trabalho e os objetivos a serem atingidos. Deve-se apresentar uma revisão da informação existente sobre o tema em questão. Também, deve-se incluir uma explicação teórica mínima (não copiada de livro, mas elaborada pelos alunos) que permita a compreensão do trabalho e como esta informação está aplicada ao experimento específico.
- **Método experimental ou Descrição do experimento:** Deve-se descrever em detalhe a configuração experimental utilizada, os métodos utilizados para a realização

das medições, incluindo a fundamentação física. Deve-se realizar uma descrição dos aspectos relevantes dos dispositivos e equipamentos utilizados, especificando suas características importantes (precisão dos instrumentos, intervalos de medição, etc). Pode-se representar esquematicamente o dispositivo empregado para a realização do experimento de forma a acompanhar as explicações e facilitar a compreensão do leitor.

- **Resultados e discussão:** Esta seção tem que ser uma continuação natural da Introdução e do Método experimental ou Descrição do experimento. Deve-se incluir tabelas dos dados colhidos junto com as suas incertezas e a explicação de como foram avaliadas essas incertezas. Também deve ser realizada uma descrição de como a análise de dados foi realizada e como os resultados foram obtidos. Deve-se incluir também gráficos, junto com as curvas de ajuste dos dados realizados. Além da análise dos dados, é fundamental realizar uma discussão dos mesmos: sua validade, precisão e a sua interpretação. Dependendo do caso, pode-se realizar uma proposição de um modelo para a descrição dos resultados ou realizar uma comparação com o modelo teórico já discutido na introdução. Caso seja necessária a utilização de equações, elas devem estar explicitadas ou, se já foram introduzidas anteriormente (na introdução), através de uma referência ao número de equação correspondente.

Levar em conta que, dependendo do relatório e do trabalho apresentados, pode-se separar esta seção em duas independentes, uma de resultados e outra de discussões.

Figuras e tabelas: cada figura ou tabela deve estar numerada e deve conter uma legenda ao pé que permita entendê-la. A descrição detalhada da figura deve estar incluída também no texto e referenciada pelo número. Os gráficos são considerados figuras, então deverão ser numerados de forma correlacionada com as mesmas.

- **Conclusões:** Deve conter uma discussão de como a partir dos resultados obtidos mostra-se que as hipóteses e objetivos do trabalho foram satisfeitos ou não. Espera-se que a discussão do trabalho seja feita de forma crítica podendo-se propor melhorias ao trabalho realizado, tanto na metodologia empregada quanto nas propostas para ampliar o objetivo do experimento no futuro.
- **Referências:** Deve-se informar a bibliografia citada durante o desenvolvimento do trabalho. A bibliografia pode estar relacionada ao modelo teórico discutido, a referências de equipamento utilizado, ou a artigos de referência no qual o trabalho foi baseado.
- **Apêndice:** Caso seja necessário, pode-se anexar um ou mais apêndices com informação complementar que ajude a esclarecer o conteúdo das partes anteriores (cálculos realizados para obter um dado resultado, estimativa de incertezas, etc.), mas que no corpo principal do relatório desviariam a atenção do leitor. No(s) apêndice(s) coloca-se geralmente informação adicional necessária, mas não fundamental.

C

Paquímetro

O paquímetro é um instrumento utilizado para medir dimensões de objetos relativamente pequenos, desde uns poucos centímetros até frações de milímetros, com uma precisão da ordem do centésimo de milímetro. Este instrumento é delicado e deve ser manipulado com cuidado e precaução.

Ele é formado por uma régua com um esquadro num extremo, sobre a qual se desliza o outro esquadro destinado a indicar o valor medido sobre a escala. Sobre o esquadro móvel encontra-se o nônio que possui uma segunda escala dedicada a marcar as subdivisões do milímetro. Na Figura C.1 podemos ver um desenho de um paquímetro típico.

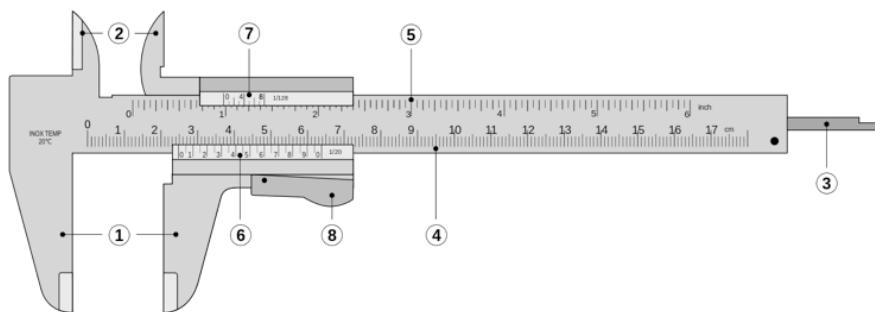


Figura C.1: Paquímetro formado por: ① Encostos para medidas externas; ② Orelhas para medidas internas; ③ Haste de profundidade; ④ Escala principal inferior (graduada em centímetros e milímetros); ⑤ Escala principal superior (graduada em polegadas e frações de polegadas); ⑥ Nônio ou vernier para leitura das frações de milímetros em que esteja dividido; ⑦ Nônio ou vernier para leitura das frações de polegada em que esteja dividido; ⑧ Propulsor e trava.

Para utilizar o paquímetro, primeiramente se separam os encostos para que o objeto a ser medido possa ser colocado entre eles, logo se fecham estes encostos de forma que o objeto fique preso ao mesmo e se bloqueia o movimento do esquadro móvel para poder realizar a leitura do valor medido. Usaremos o exemplo mostrado na Figura C.2 para facilitar a explicação de como fazer a leitura.

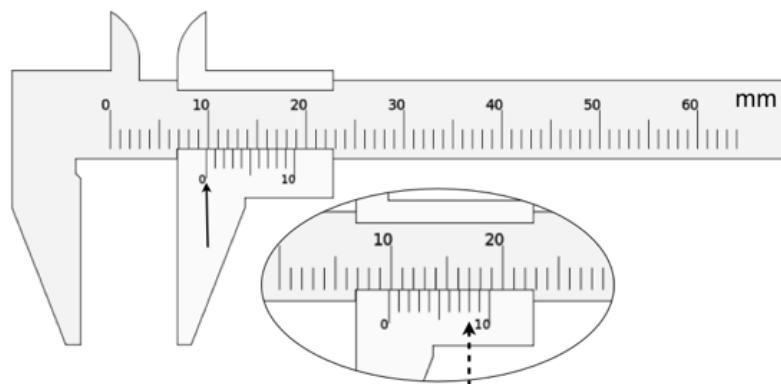


Figura C.2: Exemplo de uma medição realizada com paquímetro graduado em mm e com um nônio com 10 divisões. Valor medido ($0,98 \pm 0,01$) cm. Ver texto.

O primeiro passo é fazer a leitura sobre a escala principal (Figura C.1) e para isso observamos a posição do zero do nônio, que no exemplo está levemente deslocada à direita dos 9 mm (seta cheia na figura C.2). Desta forma temos a primeira parte da medida, sendo 0,9 cm. Vemos que as seguintes marcas do nônio também estão levemente deslocadas à direita e que esta diferença vai se reduzindo paulatinamente. Verificamos que a oitava marcação sobre o nônio coincide com a marcação com a régua principal (seta tracejada na Figura C.2) e logo as marcas do nônio vão ficando progressivamente à esquerda das marcas da régua fixa. Portanto a segunda parte da leitura nos diz que o valor medido é de 0,98 cm com uma incerteza de 0,01 cm. Para a determinação da incerteza, considerada aqui como a mínima divisão do instrumento, temos que determinar o número de subdivisões do milímetro dado pelo nônio. No caso do exemplo, temos 10 subdivisões, sendo a incerteza 1 mm dividido 10, ou seja 0,1 mm. Finalmente o resultado da medição é: $(0,98 \pm 0,01)$ cm.

Importante: Lembrar de verificar que o paquímetro esteja corretamente calibrado, ou seja que quando não haja abertura dos dois encostos, o zero da escala principal e do nônio sejam coincidentes.

Mais informações sobre o uso do paquímetro podem ser encontradas na página <http://www.stefanelli.eng.br/webpage/metrologia/p-nonio-milimetro-05.html>.



Trilho de Ar

O trilho de ar é um sistema que permite estudar movimentos unidimensionais reduzindo drasticamente as forças de atrito habitualmente presentes. Ele é composto de chapas metálicas de perfil reto, com pequenos orifícios regularmente espaçados nas faces laterais.

Injeta-se ar comprimido dentro do trilho que sai através dos orifícios gerando desta forma um colchão de ar entre o trilho e o carrinho de cerca de 0,5 mm de espessura. Este colchão de ar faz com que o carrinho "flutue", provocando assim uma grande redução do atrito. O atrito residual é devido principalmente à fricção com o ar. Nas extremidades do trilho sempre deve-se colocar os pára-choques formado por um suporte com elásticos.

O sistema trilho de ar e carrinho devem ser cuidadosamente tratados para evitar que eles se sofram deformações ou marcas que comprometam a redução do atrito. Para isto devemos evitar choques mecânicos fortes, tanto entre o carrinho e o trilho como entre dois carrinhos. Evitar quedas dos carrinhos, mesmo que sejam de uns poucos centímetros, manuseando-os com segurança e muito cuidado. Em continuação enumeramos alguns cuidados extras na hora de utilizar o sistema trilho-carrinho, a saber:

- Nunca movimente os carrinhos sobre o trilho quando não houver ar saindo pelos orifícios do trilho ou se o ar que sai é muito fraco (neste caso deve-se aumentar a potência do ar comprimido), pois serão produzidos arranhões.
- Quando se colocar massas em cima dos carros, é fundamental que estas sejam distribuídas simetricamente para evitar desbalanceamentos do carrinho quando flutua podendo encostar certas partes dele no trilho. Desta forma não só poderão ser produzidos arranhões no trilho senão como a hipótese de atrito desprezível não será verificada.
- O trilho é apoiado sobre pequenas hastes numa base em perfil de alumínio. Estas hastes têm como função permitir o nivelamento do trilho. Com o tempo e o uso constante, o trilho de ar tende a se deformar criando "barrigas". A consequência principal destas barrigas é os carrinhos passarem a ter um movimento irregular. O nivelamento do trilho é uma operação trabalhosa e delicada, por isso deve-se estar seguro da necessidade de nivelamento antes de começar a mexer.



Sistema de Video

Configuração Câmera

Para a realização dos filmes os passos a seguir são:

1. Ligue a câmera e verifique que o cartão de memória esteja vazio.
2. Configure a câmera para a realização do filme.
 - Para a câmera Olympus:
 - (a) **Tamanho De Imag** VGA
 - (b) **Imagens Por Seg.** 15 ou 30 fas (fotos por segundo)
 - (c) **Microfone** Desl. (desligado)
 - (d) **Modo AF**: configure a câmera para que sempre faça foco no objeto de interesse, mesmo quando ele esteja em movimento. Novamente, entre no menu e escolha a primeira opção como indicado na Figura E.1-C. No menu da esquerda escolha a terceira opção “Modo AF” e logo “Rastreia AF”. Dê “OK” e pressione o botão do menu para sair do mesmo.
 - Para a câmera Nikon Coolpix s3600, aperte o botão “Menu”, selecione o ícone de câmera de vídeo conforme a Figura E.2 e selecione:
 - (a) **Opções de vídeo**: 480/30p
 - (b) **Modo foco automático**: AF-F AF constante
 - (c) **VR do vídeo**: desligado
 - Para a câmera Sony Cyber-shot, aperte o botão “Menu” e busque as opções a seguir, conforme a Figura E.3:
 - (a) **Tamanho Filme**: VGA
 - (b) **ACT**: STD movimentação moderada (nem todas as câmeras tem essa opção no menu à esquerda, com um ícone de mão)

Desta forma sua câmera está configurada e você pode começar a fazer sua aquisição de dados.



Figura E.1: Configuração da câmera Olympus.

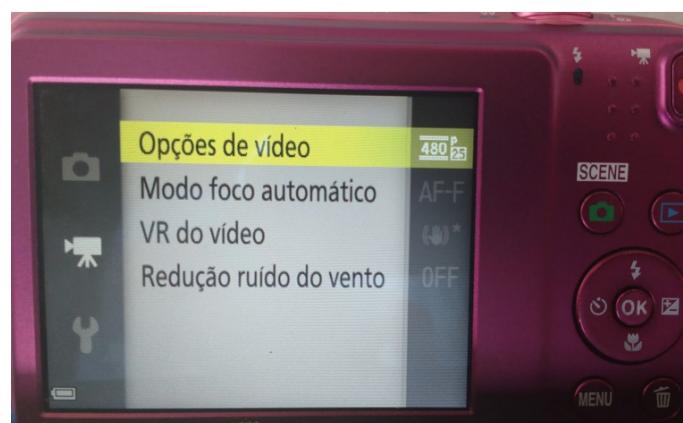


Figura E.2: Configuração da câmera Nikon.



Figura E.3: Configuração da câmera Sony.

Leitura manual da posição do carrinho

1. Uma vez registrado o movimento do carrinho com a câmera proceda a baixar o filme que você fez numa pasta no desktop do seu computador chamada MRU. Para algumas câmeras, o vídeo é salvo no formato MP4 e precisa ser convertido em AVI para análise no programa ImageJ. Um tutorial para conversão dos vídeos encontra-se nas bancadas, próximo ao computador.
2. Abra o programa ImageJ.
3. No ImageJ abra o filme que você fez em formato AVI. Aparecerá uma tela com algumas indicações como se mostra na Figura E.4, “First Frame 1”, “Last Frame 135”, que podem em princípio ser alteradas pelo usuário. Essas informações correspondem ao número de imagens contidas no filme e permitem que escolhamos apenas algumas delas para serem exibidas. Mantenha como está e tecle “Ok”.
4. Após o filme aberto você pode escolher a ferramenta de “zoom” que fica na barra de ferramentas do programa para ver melhor as imagens. A resolução das imagens não é muito boa, mas não precisamos mais do que isso para fazer a análise do experimento.
5. Experimente passar o cursor do mouse sobre a imagem. Você verá que embaixo da barra de ferramentas do ImageJ aparecerão alguns números, por exemplo, na Figura E.5: x=325, y=202, z=36, value = 195. As letras “x” e “y” correspondem à posição do cursor em “pixels” no sistema de referência mostrado na Figura E.5. A letra “z” corresponde à ordem em que imagem foi capturada em relação ao início do filme. Finalmente, “value” corresponde aos níveis de vermelho, verde e azul da imagem, nesta ordem. Para as análises que faremos, só utilizaremos a posição “x e y” do cursor.
6. Observe agora no canto superior esquerdo das imagens do filme (Figura E.5). Apa- recem números semelhantes a “37/135 (2.47s); 640x480 pixels; RGB; 158 MB”. O primeiro deles significa que está sendo exibida a imagem 37 de um total de 135. O instante de tempo no qual essa imagem foi capturada em relação ao início do filme é indicado pelo número entre parênteses “2.47s” que é dado por $1/15 \times 37$ s (onde $1/15$

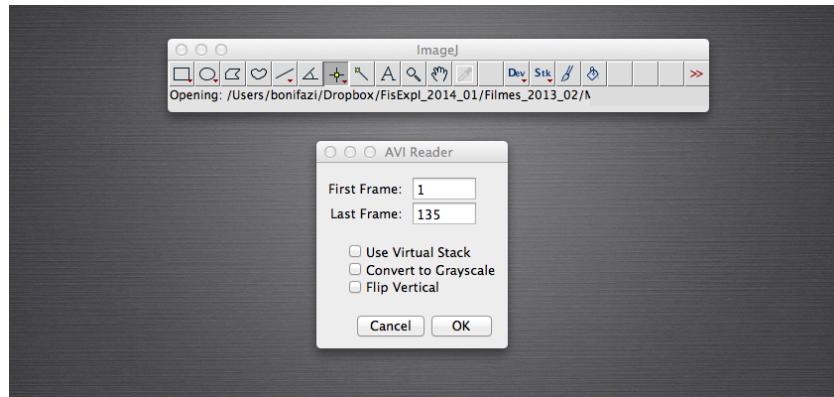


Figura E.4: ImageJ: tela de inicio para carregar o filme.

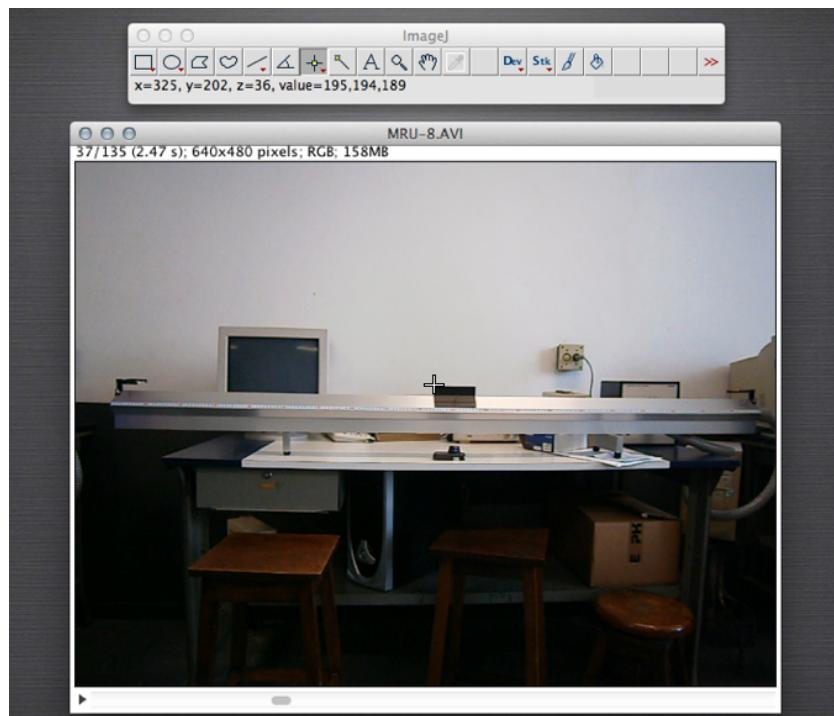


Figura E.5: ImageJ: posição do cursor sobre a imagem.

corresponde a 15 fotos ou *frames* por segundo), “640 X 480 pixels” corresponde às dimensões da imagem em número de “pixels”, “RGB” corresponde à qualidade da imagem, e “158 MB” corresponde ao espaço de memória do computador que foi utilizado para guardar o filme. Para nossas análises o número importante dentre esses é o que corresponde ao número de imagem e ao instante de tempo em que a imagem foi capturada. Observação: estes números serão diferentes para cada filme.

Rotação do Filme

Para realizar a análise dos dados, é necessário que a medida do deslocamento do carrinho seja apenas em uma dimensão, por exemplo, na horizontal. Se o eixo horizontal da câmera não está bem alinhado com o trilho, precisamos realizar uma rotação do filme antes de proceder à leitura da posição do carrinho. Portanto, o primeiro passo é a determinação do ângulo de rotação. A mesma pode ser realizada de duas formas diferentes:

Forma manual

1. Determine com os cursores as coordenadas “x e y” das extremidades do trilho, tendo desta forma (x_1, y_1) e (x_2, y_2) como se mostra na figura E.6.
2. Utilizando trigonometria, e utilizando uma calculadora, determine o ângulo de inclinação como o $\arctan(y_2 - y_1)/(x_2 - x_1)$. Observação: o ângulo tem que ser determinado em graus.

Forma automática

1. Escolha o botão de “Ângulo” (círculo na Figura E.7-A), que fica na barra de ferramentas do programa ImageJ para poder marcar o ângulo que quer ser determinado.
2. Movimente o cursor para marcar os três pontos que vão determinar o ângulo que o trilho forma com a horizontal (linhas cheias sobre o filme na Figura E.7-B). Faça click cada vez que esteja na posição desejada.
3. Escolha a opção “Analyze” do menu principal e “Measure” do sub-menu.
4. O resultado será mostrado em uma outra janela (Figura E.8), entre os quais estará o valor do ângulo desejado em graus.

Uma vez determinado o ângulo, devemos proceder a realizar a rotação do Filme. Para isto, deve seguir os seguintes passos:

- (a) Escolha a opção “Imagem” do menu principal, logo “Transform” e finalmente “Rotate”, como mostrado na Figura E.9-A.
- (b) Uma nova janela será aberta onde deve-ser informado o valor do ângulo de rotação, no nosso exemplo, o mesmo é de 4,101 graus (Figura E.8). Este ângulo deve ser informado com o sinal negativo (-) se queremos realizar uma rotação no sentido anti-horário ou com sinal positivo (+) se a rotação é no sentido horário.
- (c) **Como a rotação é uma ação definitiva** e não pode ser refeita, utilizar sempre o “Preview” para poder ter certeza de que se está realizando a rotação desejada (ver Figura E.9-B) antes de dar o “OK” final.

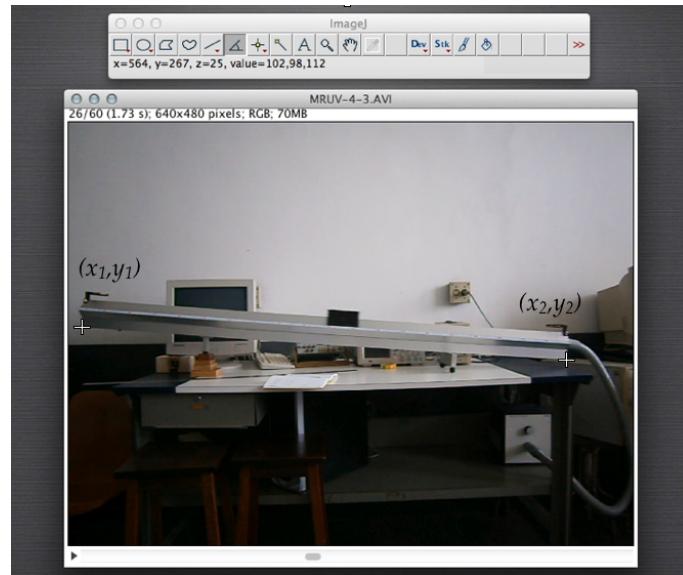


Figura E.6: ImageJ: determinação das coordenadas (x_1, y_1) e (x_2, y_2) , ver texto.

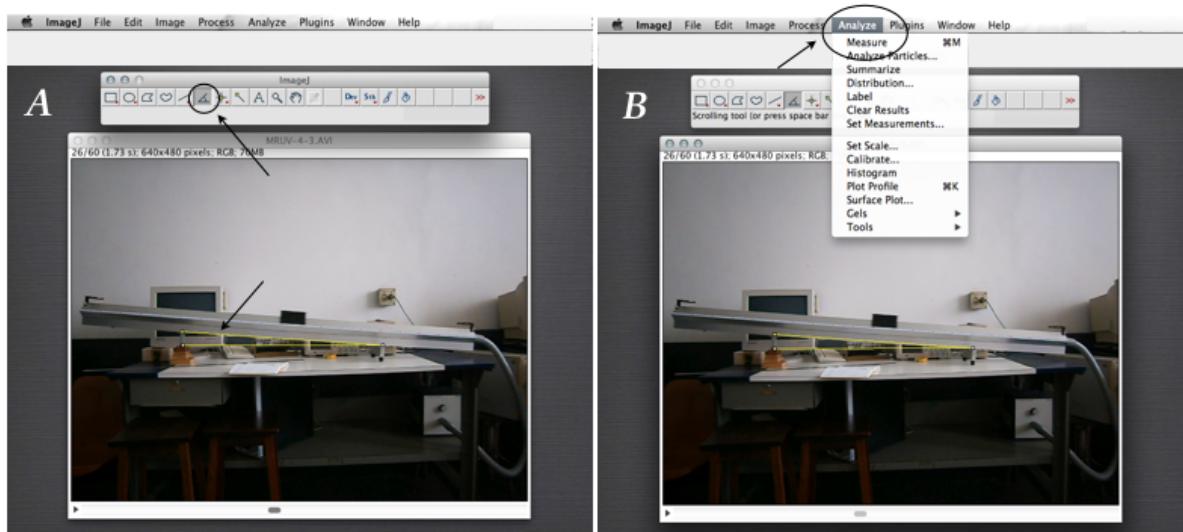


Figura E.7: ImageJ: determinação do ângulo de inclinação do trilho, ver texto.

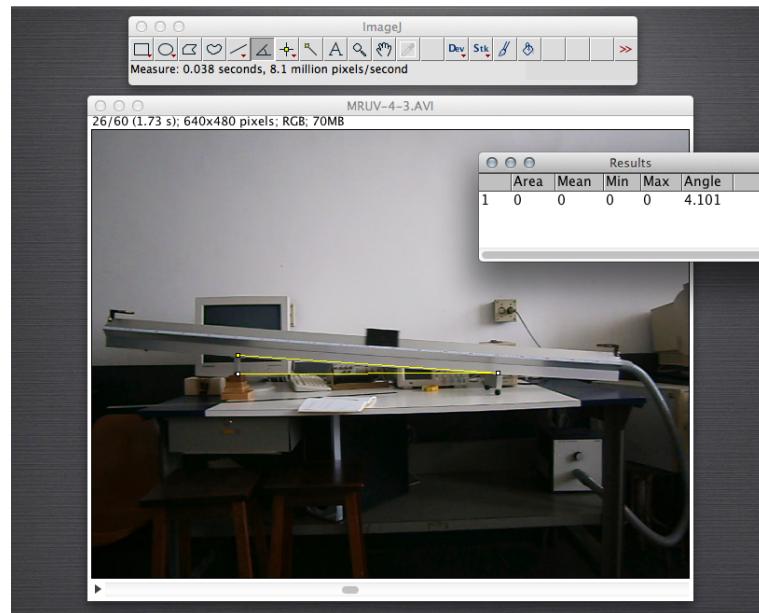


Figura E.8: ImageJ: valor do ângulo de inclinação do trilho

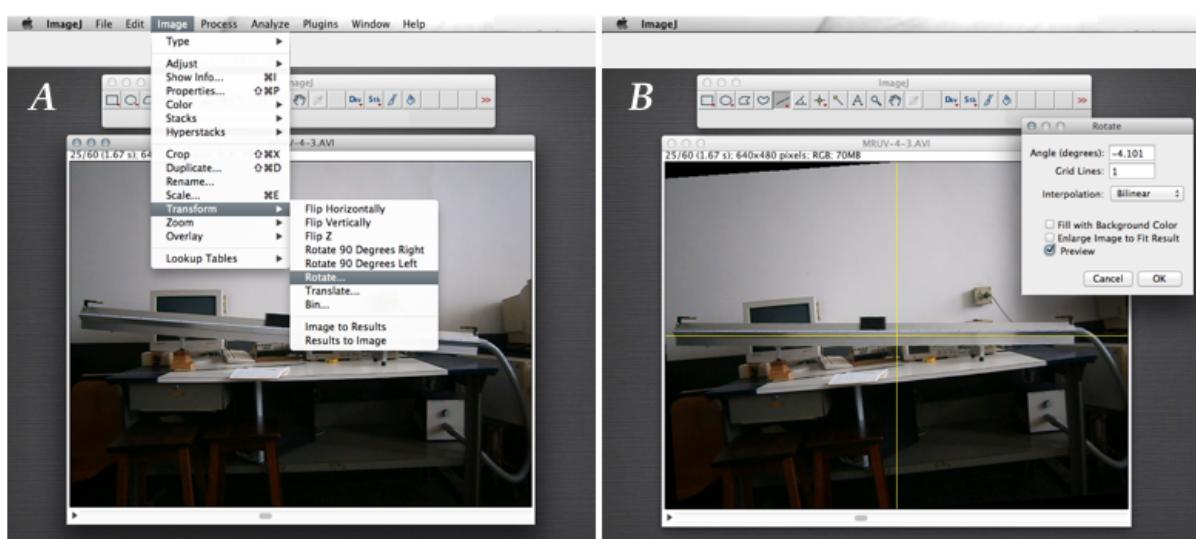


Figura E.9: ImageJ: rotação do filme por um determinado ângulo, ver texto



Programa QtiPlot

Ao longo do curso vamos realizar gráficos e ajustes lineares (ajustes por uma reta), para isto vamos aprender a utilizar um programa chamado de QtiPlot. Este programa pode ser baixado gratuitamente da internet, ou da página pessoal do Prof. Angelo Gomes em: <http://www.if.ufrj.br/~amgomes/qtiplotinfo.html>.

Para descompactar o mesmo você deverá fornecer uma senha, a mesma é: fisexp2-2009

O Prof. Angelo Gomes preparou um tutorial que ajuda a aprender a utilizar o QtiPlot. Para acessar ao mesmo, basta com ir para

<http://www.if.ufrj.br/~amgomes/tutorialqtiplot-pag1.html>

Qualquer dúvida ou problema, entrar em contato com seu professor e/ou monitor.